

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Arthur Calovi Oliveira Vargas

**Instâncias formativas curriculares e extra-curriculares e a formação na
Licenciatura em Educação Física: narrativa da trajetória de um
estudante-professor**

Porto Alegre

2024

Arthur Calovi Oliveira Vargas

**Instâncias formativas curriculares e extra-curriculares e a formação na
Licenciatura em Educação Física: narrativa da trajetória de um
estudante-professor**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

Porto Alegre

2024

RESUMO

Este estudo, de natureza biográfico-narrativa, tem como objetivo narrar e compreender as experiências construídas ao longo do percurso formativo do curso de Licenciatura em Educação Física do autor. Os relatos e análises apresentados foram possíveis a partir das memórias evocadas acerca da minha trajetória, assim como com a utilização dos diários de campo, das anotações, de materiais postados no Moodle das disciplinas cursadas na graduação, examinados com o intuito de compreender as experiências atravessadas em cada instância. Além disso, à medida que o estudo vai se desenvolvendo, pude revisar e aprender diferentes realidades enfrentadas no cotidiano do docente, devido às condições socioeconômicas, à infraestrutura das escolas, às dificuldades de recursos para administrar as aulas. Tais aprendizagens me permitiram compreender melhor como essas práticas foram se desdobrando ao longo da minha trajetória, a fim de aproximar-me do entendimento do docente que me constituo.

Palavras-Chave: Educação Física escolar; Escolas públicas; Escolas privadas; Diários de campo; Professores.

ABSTRACT

This study, of a biographical-narrative nature, aims to narrate and understand the experiences built along the formative path of the author's degree course in Physical Education. The reports and analyses presented were possible from the memories evoked about my trajectory, as well as with the use of field diaries, notes, materials posted in the Moodle of the disciplines taken at graduation, examined in order to understand the experiences crossed in each instance. In addition, as the study developed, I was able to review and learn different realities faced in the daily life of the teacher, due to the socioeconomic conditions, the infrastructure of the schools, the difficulties of resources to manage the classes. Such learnings allowed me to better understand how these practices were unfolding throughout my trajectory, in order to get closer to the understanding of the teacher who constitutes myself.

Keywords: School Physical Education; Public School; Private School; Field Diaries; Teachers.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	6
2- OBJETIVOS	9
2.1 Objetivo geral	9
2.2 Objetivos específicos	9
3- REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 A formação inicial de professores	10
3.2 A escola e os/as professores iniciantes	12
4- METODOLOGIA	18
4.1 Natureza do estudo	18
4.2 Pessoas e instituições participantes	20
4.3 Produção das informações	21
4.4 Cuidados éticos	22
5- ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	23
5.1 A experiência no Colégio Particular Internacional	23
5.2 A experiência na Escola Estadual de Ensino Básico Mirassol e o PIBID	24
5.3 A experiência na Escola Estadual Santos e o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental	27
5.4 A experiência no Colégio Fortaleza	33
5.5 A experiência na Escola Municipal de Educação Básica Londrina e a Residência Pedagógica	36
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	47

1- INTRODUÇÃO

A minha trajetória com a Educação Física remonta a minha infância, desde quando jogava bola na pracinha do lado de casa, praticamente todos os dias, tendo sempre o apoio dos meus pais. Aos 5 anos iniciei na ginástica, ficando pouco tempo, para ter uma vivência em outra modalidade. A partir dos meus 6 anos de idade, entrei para a escolinha de futebol do Sport Club Internacional, ficando lá até meus 12 anos, sendo uma das melhores experiências no futebol, pois eu adorava jogar bola e ainda ficava perto dos profissionais do Inter. A escolinha era nas quadras do Beira-Rio e os atletas do Inter treinavam na primeira quadra. No entanto, depois de 6 anos treinando, tive que sair, já que a escolinha ia sair de Porto Alegre e iria para outra cidade.

Nessa jornada nos esportes, pratiquei por um ano natação, pois estava obeso, já na adolescência, tendo uma experiência muito boa e também emagrecendo. Além disso, pratiquei atletismo e futebol americano, modalidades essas que eu levo com carinho, pois eu saí daquele esporte que sempre esteve comigo e foquei por um tempo nesses esportes. Nesse momento, em 2023, estou treinando Crossfit, faço também treinamento funcional e nas horas vagas dou uma pedalada. Desse modo, reconheço que sempre na minha vida o esporte esteve comigo, pois é necessário cuidar da saúde e também do nosso bem-estar.

Nota-se que os esportes estão perto de mim desde pequeno, e as aulas de Educação Física no colégio, não passavam em branco, pois cada aula que tínhamos era diferente. Nas experiências que tive, o professor não largava a bola para gente e deixava assim por dois períodos: sempre havia esportes diferentes, sendo uma diversão para todos nós. Uma aula que marcou, foi quando ele trouxe instrumentos de capoeira e ficamos por quase dois meses tendo aula, pois enquanto uns estavam na roda, os outros colegas ficavam cantando e outros tocando o berimbau e pandeiros, sendo uma vivência muito legal de aula.

Foi a partir dessas experiências, que resolvi entrar para o ensino superior para cursar Educação Física. Entretanto foi totalmente diferente do que eu imaginava, pois cada disciplina que tínhamos era sobre corpo, a história, leis sobre educação e nunca os esportes que conhecemos. Isso me incomodou bastante inicialmente, já que a ideia que tinha sobre o curso era diferente.

Meu objetivo para o futuro, vai ser prestar concurso para a Polícia Civil ou Federal, isto é algo que eu mais quero. Ao mesmo tempo, entendo que devo aproveitar

o máximo cada momento que estou passando no curso de Educação Física. Quando ingressei, a ideia de cursar era só para ter o Ensino Superior completo, não conseguia me ver em escolas dando aula, para qualquer faixa etária, já que era algo que nunca tinha feito. À medida que o curso foi se estendendo, comecei a entender mais o seu funcionamento, e com isso, construí experiências que foram forjando minha trajetória profissional.

Iniciei como professor dando aula na Escola Particular na Zona Sul, sendo professor de futsal para alunos da 1ª até a 4ª série dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no colégio, consegui aproveitar o máximo, porém as aulas paralisaram devido ao COVID-19, e infelizmente saí, pois o colégio começou a encerrar alguns contratos. Foi a partir das aulas através do Ensino Remoto Emergencial da UFRGS que conheci e ingressei no programa PIBID, que tinha como objetivo, dar aulas para alunos de escolas públicas, nos primeiros anos de curso. Entretanto, durante minha permanência neste programa, a maior parte ocorreu durante a pandemia de COVID-19, tornando assim, complicado ensinar para as crianças, já que muitos não entravam nas aulas via Meet. Além disso, tínhamos que criar aulas mais direcionadas ao treino funcional e torcer para que a internet não caísse. Embora que essas dificuldades todos professores passavam, foi uma experiência boa, pois nos fez pensar que até em plena pandemia, fomos capazes de dar aula para os alunos e que fosse o único momento que eles tivessem para fazer alguma atividade física.

Nas últimas semanas de contrato com o PIBID, fomos à Escola Estadual de Ensino Básico, escola essa que fica perto de um bairro, localizado de alto padrão socioeconômico de Porto Alegre, mas que ao lado tem uma vila popular, mostrando a diferença de classes em um lugar que a maioria das crianças estudam nos colégios particulares da região. Foi um baque, pois uma parte da escola estava interditada, devido a infraestrutura precária, mas havia material para as aulas, sem ter que improvisar na maior parte do tempo. Atualmente, sou auxiliar de educação do Colégio Particular na Zona Norte, sendo uma experiência incrível, pois como narrei no início, a docência não era o meu foco quando ingressei na formação inicial de Educação Física, e hoje já penso em seguir dando aula para crianças da Educação Infantil.

Sou grato por essa experiência atual nessa instituição, pois quando criança, estudei em um bairro com Organizações Militares, como bolsista e voltar para o colégio foi importante para minha carreira, pois além de dar aula para crianças da Educação Infantil, tento mudar o pensamento dos alunos, pois eles vivem em outra realidade

totalmente diferente das demais crianças de Porto Alegre, e esse é um dos meus objetivos lá dentro, além de exercer minha profissão. Concomitantemente fiz parte de outro projeto da UFRGS, a Residência Pedagógica (RP), que atuou com alunos do Ensino Médio, em escolas públicas também. Realidade bem diferente do colégio particular, pois realizei em uma Escola Municipal de Educação Básica na Zona Norte de Porto Alegre, localizado em um bairro que está ao lado de um Quilombo, com uma grande parte dos alunos sendo de classes baixas, mas diferentemente da maior parte das escolas municipais, esta escola tem uma rede de ensino exemplar, além de ter vários projetos para crianças, sendo uma das mais concorridas de Porto Alegre, ainda mais que os materiais para Educação Física são excelentes, tendo diversos materiais para as aulas.

Acredito que todas essas experiências que já passei ou até aquelas que ainda estou passando, estão se formulando para que eu consiga ser um professor de Educação Física diferente daqueles que não se interessam mais por ensinar e sim, largar a bola para os alunos e ficar em um canto. Pois a cada aula que passo, tento diversificar os conteúdos, uma vez que eu lido com dois extremos de ensino, uma com a Educação Infantil, com um propósito de capacitar a psicomotricidade, através de circuitos e atividades de raciocínio, mas também há o ensino para o Ensino Médio, tendo como objetivo criar atividades com esportes que não estamos tão acostumados em praticar, entretanto há momentos que desafiando os alunos com circuitos, nota-se uma dificuldade motora ou até mesmo de raciocínio, desses alunos do Ensino Médio. E trabalhar com circuitos de Psicomotricidade, tanto para crianças, quanto para adolescentes, mostra a deficiência por parte dos professores, que não estão mais focados em trabalhar com a evolução das crianças e dos jovens.

Com base nisso, meu questionamento fez-me pensar no seguinte problema da pesquisa: **como as diferentes experiências construídas em instâncias formativas curriculares e extra-curriculares ao longo de minha trajetória no curso de Licenciatura em Educação Física produziram o docente que sou hoje?**

2- OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Descrever e compreender como as diferentes experiências construídas em instâncias formativas curriculares e extra-curriculares ao longo de minha trajetória no curso de Licenciatura em Educação Física produziram o docente que sou hoje?

2.2 Objetivos específicos

- Descrever e analisar as experiências construídas em uma escola esportiva;
- Descrever e analisar as experiências construídas no PIBID;
- Descrever e analisar as experiências construídas no estágio de docência de educação física no ensino fundamental;
- Descrever e analisar as experiências construídas na escola privada;
- Descrever e analisar as experiências construídas na Residência Pedagógica;

3- REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A formação inicial de professores

Na busca por uma abordagem mais integrada e eficaz na formação de futuros professores, tem sido explorado o desenvolvimento de modelos formativos alternativos, nos quais os estágios ocupam um papel central. O objetivo é promover uma conexão mais direta entre as teorias adquiridas na universidade e as experiências práticas vivenciadas no ambiente escolar.

Essa abordagem visa alcançar um equilíbrio mais sólido entre os diversos tipos de conhecimento necessários para o exercício da docência, permitindo que os estudantes de licenciatura construam um conjunto específico de habilidades e percepções próprias da prática docente. A expectativa é que, por meio desse processo, eles possam desenvolver uma nova identidade profissional, deixando de se ver apenas como estudantes e passando a se enxergar como futuros professores.

Essa difícil transição de discente para docente, torna-se cada vez mais complicado, muito em função de elementos, conforme aponta Benites et al. (2012), apud SOUZA NETO, SARTI, BENITES (2015), como o sentimento de negação da escola como o espaço escolar, essa mudança de aluno para professor e também as dificuldades enfrentadas para socialização profissional, por um estagiário. Através desses tópicos, é notável como esses estagiários, ao entrarem na escola, vão ser considerados alunos, ao invés de futuros professores, enraizando aquele estereótipo do estagiário, que se sente inseguro, devido as frustrações que ocorreram nas suas aulas. E por estes motivos, os estagiários preferem, em muitas oportunidades, ficar no recreio com os alunos, conversar com eles, do que ficar na sala dos professores, por essa dificuldade na socialização que ocorre entre os estagiários da faculdade e os professores que já estão no colégio.

Após a leitura de diversos artigos, para entendermos como se dá a formação docente, diversos autores abordam qual seria a melhor forma para a construção na carreira de professor. Shigunov et al. (2006) apud FOLLE, FARIAS, BOSCATTO, NASCIMENTO (2008) argumentam que ao longo da nossa carreira, adquirimos as experiências necessárias para a nossa prática pedagógica e que também levam ao nosso desenvolvimento, ou seja, professores que já estão há um bom tempo na carreira docente, tendem a encontrar alternativas mais rápidas nas suas aulas.

Isto se dá, pelas suas experiências como docente, ao contrário dos professores que a recém estão iniciando, devido a sua transição de discente para docente em um curto período. Além disso, os autores relatam que estes docentes que estão iniciando suas jornadas, são jovens com diversas incertezas que podem prejudicar a vida profissional, devido a diversos fatores que podem acarretar a estas inseguranças nas suas aulas.

No percurso do desenvolvimento profissional, o professor incorpora uma variedade de expectativas, visões e princípios que contribuem para moldar sua identidade no campo educacional. Entretanto, esses elementos não estão desvinculados das complexidades e dos desafios enfrentados durante o processo de integração à profissão. Dessa forma, percebe-se que a carreira docente se desdobra em diferentes etapas, marcadas por características singulares, ciclos ou estágios.

Segundo Gonçalves (2000) apud FOLLE, FARIAS, BOSCATTO, NASCIMENTO (2008), a trajetória profissional se concentra em dois aspectos principais: o aprimoramento profissional e a formação da identidade profissional. Além disso, essa jornada é influenciada pela interação de três processos de desenvolvimento: o amadurecimento pessoal, a aquisição de habilidades e competências no ensino, e o processo de adaptação ao ambiente profissional.

Sobre a teoria e a prática nas aulas, Huberman (1995) apud SANTOS, ALMEIDA, BRACHT (2009), apontou que o início da carreira como docente é um período nevrálgico, isto é, é um momento que os professores tomam um “choque de realidade”, o confronto entre o que aprendeu nas aulas da faculdade, mas com a realidade que a escola oferece. E isto, volta ao que Shigunov relata, apud FOLLE, FARIAS, BOSCATTO, NASCIMENTO (2008), sobre adquirirmos as experiências necessárias ao longo da carreira, através dos nossos erros e também pelas dificuldades que os professores passam com os alunos e materiais.

A consequência é evidente: os professores se percebem mal preparados para a profissão, devido à grande discrepância entre o que é ensinado nos programas de formação e a realidade da sala de aula. Surge, então, a crença de que as habilidades pedagógicas dos educadores são adquiridas principalmente por meio das experiências práticas no ambiente escolar, refletida na conhecida ideia de que a teoria na prática se manifesta de maneira diferente. Creio que esses apontamentos são coerentes, já que ao longo da faculdade, temos a implementação de estágios obrigatórios nos cursos de licenciatura, para termos uma noção de como funciona as diretrizes e o funcionamento

da escola, além de darmos aulas, supervisionadas por professores já formados que fazem parte da escola e também da faculdade.

3.2 A escola e os/as professores iniciantes

A escola desempenha um papel fundamental na sociedade, indo muito além da mera transmissão de conhecimentos. Ao longo das décadas, diversos teóricos têm explorado as múltiplas funções sociais desempenhadas por instituições educacionais. Segundo Pérez Gómez (1998, p.6) apud CARDOSO, LARA (2009), o maior desafio na escola é conseguir que seu ensino educativo possa apropriar-se de diferentes origens, isto é, consiga proporcionar acesso à cultura, além de facilitar a reconstrução dos conhecimentos vividos pelas crianças ao longo de sua vida, fora do meio escolar. Claro que a escola não consegue apagar a desigualdade socioeconômica que existe, entretanto, ela pode aliviar seus efeitos. Para isso, a escola deve disponibilizar o conhecimento e transmitir informações necessárias para seus alunos. Este entendimento é afirmado pelo autor (1998, p.7), apud CARDOSO, LARA (2009):

[...] para provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e a reconstrução das pré-concepções acríticas formadas pela pressão reprodutora do contexto social. [...] É preciso transformar a vida da aula e da escola, de modo que se possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como a outro tipo de relações com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, a comparação, a crítica, a iniciação e a criação.

Nestes contextos sociais, a capacitação das gerações emergentes para ingressar no mercado de trabalho e na esfera pública demanda a intervenção de órgãos especializados, tais como a instituição escolar, cuja singular missão é orientar e facilitar o processo de integração social. O papel da escola, vista como uma entidade especialmente destinada a promover a socialização das gerações mais jovens, parece essencialmente conservador: assegurar a continuidade social e cultural como um elemento vital para a própria existência da comunidade. Entretanto, é crucial ressaltar que a preparação para o mercado de trabalho demanda não apenas, nem principalmente, a aquisição de conhecimentos, ideias, habilidades e competências formais pelas novas gerações, mas também o cultivo de disposições, atitudes, interesses e padrões de comportamento. Essas devem estar alinhadas com as oportunidades e demandas das diversas ocupações e suas estruturas organizacionais em comunidades, empresas, órgãos governamentais, empreendimentos e serviços.

Além de que, outra função importante do processo de socialização na escola é preparar o indivíduo para participar ativamente na esfera pública. A escola tem o papel de capacitá-los para integrarem-se à vida adulta e à esfera pública, contribuindo assim para a manutenção da harmonia e equilíbrio nas instituições, além de promover o respeito às normas de convivência que são fundamentais para a coesão social da comunidade humana.

A tarefa educativa da escola, assim, inserida na complexa interação entre preservação e transformação, oferece uma contribuição desafiadora, porém essencial: empregar o conhecimento, que é igualmente moldado e influenciado pela sociedade e pela história, como uma ferramenta para uma compreensão mais profunda, indo além das aparências superficiais da ordem estabelecida, frequentemente aceita como natural pela ideologia predominante, e desvendando o verdadeiro significado das influências na socialização e dos mecanismos, explícitos ou camuflados, utilizados para sua internalização pelas novas gerações.

Além disso, na sociedade contemporânea pós-industrial a função da escola precisa se materializar em dois aspectos fundamentais: promover de forma incisiva a função compensatória das desigualdades iniciais e facilitar ativamente a reconstrução dos conhecimentos, das atitudes e dos padrões comportamentais que a criança adquire em sua vida anterior à escola. Como afirma Wood (1984, p.10), apud PÉREZ GÓMEZ (2000), “preparar os alunos/as para pensar criticamente e agir democraticamente numa sociedade não-democrática”. Dessa forma, a essência fundamental que emerge desses objetivos e funções da escola moderna é promover e incentivar a participação ativa e reflexiva dos alunos em diversas atividades em sala de aula, as quais moldam a experiência de uma comunidade de aprendizado democrática.

Existem diversas formas de compreensão e organização do ensino, no que se diz respeito à escola, desde a competência profissional, do comprometimento, da liberdade, da autoridade, da tomada consciente de decisões, do saber escutar, da disponibilidade de dialogar, de reconhecer que a educação é ideológica, entre outras funções que englobam o discente e o docente. Ao ler o livro de Freire (1998), *Pedagogia da Autonomia*, nota-se que o principal objetivo da escola seria compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, ao ponto de que a atuação educacional vai além do mero ensino e aprendizado de conteúdos, envolvendo tanto a perpetuação quanto a crítica da ideologia predominante. Este processo é dialético e contraditório, não podendo a educação se limitar a ser apenas uma coisa ou outra. Ela

não deve apenas reproduzir a ideologia dominante, tampouco se limitar a desmascará-la. É equivocado reduzir a educação a uma mera reprodução da ideologia predominante, assim como é ilusório considerá-la como uma força capaz de revelar a realidade de forma livre, sem enfrentar obstáculos e desafios significativos. Esses equívocos estão diretamente ligados a perspectivas distorcidas sobre a história e a consciência.

É preciso lembrar que essas tarefas que se imputam à escola e ao processo educativo são materializadas por pessoas, professoras, professores e outros/as trabalhadores/as da educação junto as/aos estudantes. No que se refere à carreira docente, Tardif et al.(2000), apud FOLLE, FARIAS, BOSCATTO, NASCIMENTO (2008), relatam que essa trajetória apresenta variações de acordo com o tempo e a função a ser desempenhada ao longo da sua vida profissional, no processo de socialização e incorporação na atividade profissional.

No âmbito escolar, professores que estão iniciando sua carreira, precisam de ideias e habilidades críticas, bem como aprender e avaliar sobre o ensino, para assim, conseguirem ser melhores docentes, conforme sustenta Garcia (2010, p.3), apud SANTOS DA CONCEIÇÃO, FRASSON, VON BOROWSKI (2015). Além disso, a socialização no meio escolar também afeta na continuidade dos docentes, já que ao ingressar em uma nova escola, o professor passa por um período de tensão e aprendizagem, pois o docente iniciante é demandado implementar propostas já sugeridas pelos professores mais antigos, e dessa forma, acarreta em pressões a um professor iniciante. Outro ponto importante é a necessidade de um certo equilíbrio emocional, para administrar suas aulas, como se pode acompanhar na narrativa de uma professora no estudo de Garcia (2010, p. 6 apud CONCEIÇÃO; FRASSON e BOROWSKI, 2014, p. 6):

É uma realidade diferente, tu chega querendo passar tudo o que tu aprendeu, aí no começo tu te desespera porque não consegue nada, então acha que está tudo errado[...]. (Professora Carmem).

Para além de manter seu equilíbrio pessoal, os professores precisam cultivar um constante desenvolvimento pessoal e profissional para desempenhar efetivamente seu trabalho, o que, por vezes, pode dificultar seu processo reflexivo. O processo de acolhimento dos professores não apenas impacta sua capacidade de reflexão,

segurança e confiança, mas também influencia diretamente sua autonomia frente ao ambiente educacional e às demandas do trabalho docente.

Nesse sentido, a formação da identidade também é influenciada por um aspecto sociológico (Molina Neto; Molina; Silva, 2012, p.3), apud MEDEIROS, FRASSON, FRATONI, VONBOROWSKI, CONCEIÇÃO (2015), já que o processo de autodescoberta envolve necessariamente a interação com os outros. Assim, a construção do indivíduo se desdobra ao longo da vida, sendo moldada pela sua própria cultura, pelo contexto das relações interpessoais e pela experiência de imersão em diferentes ambientes culturais. Ao examinarmos os elementos que impactam esse processo, torna-se evidente que a socialização no ambiente docente desempenha um papel significativo tanto na busca pela identidade quanto na validação da prática educativa.

Frasson et al. (2014, p.2), apud SANTOS DA CONCEIÇÃO, FRASSON, MEDEIROS, WITTIZORECKI, KRUG (2009), apoiam essa perspectiva ao destacar que a estrutura da escola desempenha um papel central no cenário educacional, servindo como um elo fundamental para a integração dos professores iniciantes e sua adaptação à cultura escolar. Nesse sentido, a prática docente transcende a simples transmissão de conhecimento, abrangendo uma gama de elementos que influenciam a identidade do professor e também sendo crucial que os professores recebam apoio emocional, psicológico e material por parte da instituição escolar.

Como resultado, os professores lidam com desafios constantes no seu dia a dia. De acordo com Tardif e Lessard (2005, p.3), apud SANTOS DA CONCEIÇÃO, FRASSON, MEDEIROS, WITTIZORECKI, KRUG (2009), os educadores enfrentam uma série de dilemas e pressões no ambiente escolar, como a dualidade entre o trabalho individual e colaborativo, a busca pela autonomia na sala de aula e a necessidade de seguir as diretrizes da escola, além da discrepância entre o currículo formal e o currículo real. Os autores também destacam que o trabalho docente é uma atividade que requer dar significado ao que é feito e envolve interações com diversos atores, incluindo alunos, colegas, pais e administradores escolares.

Dessa forma, reconhecemos que, como professores em início de carreira, nos deparamos com diversos desafios no contexto do ensino e da aprendizagem, alguns gratificantes e outros conflitantes. Esses momentos nos confrontam com a realidade da prática educativa, podendo impactar positivamente ou negativamente. Em meio a essas dificuldades, os professores se veem diante da necessidade de encontrar sua

identidade profissional e decidir se desejam realmente prosseguir e dar significado ao trabalho ou se consideram abandonar a docência.

Com base nesse princípio, entendemos que os professores se desenvolvem dentro da estrutura escolar, encontrando um ambiente propício, de acolhimento e apoio, no contexto da sala de aula. Esses elementos foram observados nas observações dos colaboradores, pois ao se depararem com a realidade educacional pela primeira vez, ou ao continuarem sua prática, os professores necessitam da orientação da escola para compreenderem a cultura local e se estabelecerem como parte integrante da instituição. Podendo ser entendido no artigo de Conceição (2015, p. 5), apud SANTOS DA CONCEIÇÃO, FRASSON, MEDEIROS, WITTIZORECKI, KRUG (2009):

Quando comecei a lecionar, quando possuía a minha turma, as equipes diretiva e pedagógica me encaminharam a minha sala e me apresentaram à escola (Professor Antônio).

Em contrapartida, existem situações em que os professores não são devidamente introduzidos aos colegas, não há uma atenção especial para recebê-los e, ainda menos, para fornecer apoio que os auxilie em sua prática educacional. Marcelo Garcia (2010, p. 6), apud SANTOS DA CONCEIÇÃO, FRASSON, MEDEIROS, WITTIZORECKI, KRUG (2009), considera essa situação como uma falta de reconhecimento profissional, um desrespeito não apenas aos professores, mas também à própria profissão.

Eu fui jogada dentro de uma escola pela falta de professores e sem supervisores. Tive que estudar e me preparar sozinha. Pra mim até enfrentar os alunos, por serem alunos de três a seis anos. Foi na cara e na coragem (Professora Marta).

O professor em início de carreira enfrenta uma jornada desafiadora, situando-se entre duas identidades distintas: a do estudante e a do profissional docente. Nesse processo de transição, o estresse, a angústia e diversos medos emergem como protagonistas, muitas vezes acompanhados por momentos de pânico. No entanto, com o passar do tempo e o ganho de confiança, tais sentimentos tendem a diminuir. Apesar disso, a demanda por energia, tempo e concentração para resolver problemas que um profissional experiente encara de forma rotineira pode ser esmagadora para o docente iniciante. A gestão do tempo, seja para preparar aulas, corrigir trabalhos ou ministrar as próprias aulas, é uma tarefa que muitas vezes resulta em desequilíbrio, cansaço e tensão. O professor iniciante enfrenta uma sobrecarga cognitiva devido ao grande

número de desafios que precisa enfrentar, o que pode levá-lo inicialmente à angústia da dispersão, ao invés da confiança do profissional que maneja habilmente múltiplas responsabilidades. Além disso, é comum sentir-se isolado e pouco integrado ao grupo de colegas mais experientes, dificultando ainda mais a adaptação ao novo ambiente profissional. Estar em um período de transição implica oscilar entre os modelos aprendidos durante a formação inicial e as práticas pragmáticas absorvidas no contexto profissional. Por fim, a dificuldade em se distanciar do papel de estudante e se inserir plenamente no papel de professor é um desafio constante para quem está dando os primeiros passos na carreira docente.

Huberman (2007), apud QUADROS (2012), salienta que a profissão docente é marcada por uma série de eventos significativos no ambiente escolar. O período como ACT (Admissão de professores em Caráter Temporário) , conforme expresso pelos professores iniciantes, representa uma fase de transição na carreira docente, na qual o professor é exposto a diversas realidades, muitas vezes sem permanecer tempo suficiente para se inserir plenamente nelas. Diante das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos professores em início de carreira, esse período torna-se extremamente delicado para o docente. Isto é encontrado no artigo de Quadros (2012, p. 27):

Adaptação ao ambiente escolar, corpo docente, direção e alunos sempre é difícil, mas para mim o mais difícil é, sempre que conquisto a confiança de meus alunos e o interesse pela aula, meu contrato como ACT acaba e tenho que me mudar para outra escola e começar tudo novamente”. (Professor G)

Fica claro, que na resposta do Professor G, a dificuldade reside na adaptação ao ambiente escolar. Assim, surge um problema em entender a cultura escolar, levando o professor a um “choque cultural”. Garcia (2010, p. 28), apud QUADROS (2012), comenta que “tal adaptação pode ser fácil quando o entorno sociocultural coincide com as características do professor iniciante.” O professor iniciante se confronta com uma cultura desconhecida, causando um choque entre a cultura escolar e a cultura à qual ele está acostumado.

4- METODOLOGIA

4.1 Natureza do estudo

Para Wright Mills (1982), apud THÉ (2022), a biografia está intrinsecamente ligada à dinâmica histórico-política das estruturas sociais, capacitando indivíduos a compreender o panorama histórico mais amplo e seu impacto na vida pessoal e profissional de muitas pessoas. Por outro lado, para Herbet Baldus (1937), Florestan Fernandes (2007) e Darcy Ribeiro (1974), apud THÉ (2022), as trajetórias individuais estão entrelaçadas aos destinos coletivos. Assim, as abordagens abrangidas pelo biográfico-narrativa se concentram em um contexto microssociológico ou de médio alcance, abordando uma variedade de perspectivas que exploram tanto a internalização dos padrões estruturais quanto o movimento de objetificação da subjetividade e subjetivação da objetividade.

A (auto)biografia formativa surge como uma abordagem interessada em investigar o desenvolvimento pessoal ao longo do tempo e valorizar a importância das experiências vividas narradas pelos próprios docentes. Essa perspectiva considera os narradores como "autores", capazes de refletir sobre como os contextos em que estão inseridos influenciam sua formação interior, e conscientemente distinguem entre passado e presente. Assim, não apenas dá voz aos narradores, mas também enfatiza sua expressão, promovendo um processo de troca simbólica e ressaltando o estímulo à dimensão sociopolítica dessa adaptação Batista et al. (2010), apud THÉ (2022),

No contexto da (auto)biografia formativa, há uma semelhança com o método anterior em termos de ferramenta, utilizando entrevistas detalhadas com um roteiro previamente estabelecido; no entanto, difere na abordagem. Enquanto a história de vida busca uma compreensão aprofundada da experiência de uma vida singular, aqui o objetivo é obter uma visão ampla das diversas formas de formação e construção de conhecimento. Portanto, esse método permite que os próprios discentes compartilhem suas experiências educacionais e relembrem suas influências em diferentes aspectos da vida (família, esporte e contexto educacional), além de explorar os percursos formativos de outros membros da comunidade educacional (coordenadores, funcionários em geral e professores), levando em consideração também o papel da família.

Nessas abordagens, não se atribui maior valor a um tipo de conhecimento sobre o outro, seja ele adquirido formal ou informalmente. Portanto, exploram-se os trajetos

de formação mais comuns e, por meio de uma análise retrospectiva e prospectiva, apresentam-se uma variedade de opções e perspectivas de vida. Além disso, essas metodologias proporcionam oportunidades para reflexão e reavaliação do processo de aprendizagem e ensino, capacitando os estudantes a adotarem uma postura ativa, envolvida e crítica em relação às suas próprias jornadas educacionais. Além disso, fornecem material para examinar o papel da educação no contexto sociopolítico e estabelecer conexões objetivas, subjetivas e objetivas-subjetivas com os conteúdos curriculares.

Outro aspecto crucial é que a abordagem biográfico-narrativa desafia a concepção tradicional do processo de ensino-aprendizagem de duas maneiras fundamentais: primeiro, ao ampliar os agentes envolvidos, como mencionado anteriormente; e segundo, ao questionar implicitamente construtos que se baseiam em uma imagem simplificada do estudante. Ela faz isso ao oferecer ao praticante da metodologia a oportunidade de envolver toda a comunidade educativa na prática de narrar histórias de vida, experiências e jornadas. Assim, se configura como um experimento de natureza micropolítica. Além disso, sua eficácia pedagógica é notável, uma vez que desperta maior interesse por parte dos estudantes e facilita a contextualização dos conteúdos curriculares, tornando-os mais tangíveis e concretos. Isso sem mencionar a integração e complexificação dos aprendizados ao combinar conhecimentos acadêmicos, tradicionais e populares, afirmado por Sá (2009), apud THÉ (2022).

De certo modo, a abordagem biográfico-narrativa, como uma metodologia ativa e significativa, destaca-se pela parceria entre educadores e alunos, bem como entre narradores. Embora seu papel principal seja revelar o contexto sócio-histórico atual, com suas complexidades e peculiaridades, também estimula processos de autoanálise e conscientização. Isso estabelece uma ligação sólida entre os desafios da prática educativa e a busca por significado, apontando para cinco aspectos que a qualificam como uma metodologia de ensino-aprendizagem ativa e significativa: a valorização de diferentes formas de conhecimento; a criação de recursos cognitivos ricos e relevantes; a integração entre reflexão e contexto; a oportunidade de discutir questões de opressão, dominação e poder; e a promoção de um discurso emancipatório que enfatiza o diálogo e a diversidade de conhecimentos.

4.2 Pessoas e instituições participantes

Em todos os ambientes escolares que vivenciei e vivencio, sempre houve aquela desigualdade no âmbito socioeconômico, e também nos materiais para as atividades das aulas. Esses desafios só mostram que é necessário ter diversas "cartas nas manga" para elaborar as aulas de Educação Física, pois haverá momentos em que a atividade desenvolvida não poderá ser feita, devido à falta de infraestrutura do local ou por alguma palestra que a escola terá naquele dia.

A comparação entre escolas públicas e particulares só mostra como a desigualdade é assustadora, à medida que os recursos e a infraestrutura dos colégios particulares tendem a proporcionar aos alunos e também aos professores, atividades criativas e inúmeras ideias para o desenvolvimento nas salas de aula. E isto, é notável, quando há ginásios cobertos para aplicar as aulas, espaços enormes com materiais para desenvolver as habilidades motoras dos alunos, ambientes planejados, como salas de ginástica, tatames, espaço kids, e muito mais, espaços esses, que são realidade em uma das escolas particulares que trabalho.

À proporção que, algumas escolas estaduais não tem essa infraestrutura para proporcionar nas aulas, e dessa forma, devemos planejar diversos planos de aula, caso ocorra alguma eventualidade. Infelizmente, há momentos que a precariedade do local afeta no desenvolvimento dos alunos, pois em dias chuvosos o único espaço possível é a sala de aula, conseqüentemente, as atividades tendem a ser teóricas, e sabemos que os alunos querem ir para o pátio praticar algum esporte, mas lamentavelmente, isso não é plausível, tanto que cada vez mais, as aulas de Educação Física, propende a pouquíssimas aulas. Além disso, em cada escola que participei, os espaços eram bem limitados e em uma escola específica, havia um ginásio, que era bem difícil dar aula, devido a uma infestação de pombos que moravam lá e deixavam suja a quadra, com fezes, tornando quase insalubre o local para as atividades.

Fizeram parte desse estudo, constituindo a fonte para a narrativa de minhas experiências: uma escola de iniciação esportiva aqui denominada Colégio Particular Internacional, uma escola pública estadual de Porto Alegre aqui denominada Escola Estadual de Ensino Básico Mirassol, onde vivi o PIBID, já no Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental fomos a uma Escola Estadual Santos na Zona Norte de Porto Alegre, uma escola privada que atende estudantes de alta condição socioeconômica aqui denominada Colégio Fortaleza, uma escola pública municipal de Porto Alegre onde vivi a Residência Pedagógica e aqui está denominada

Escola Municipal de Educação Básica Londrina, que estão melhor detalhadas no quadro seguinte:

INSTITUIÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE	REDE ESCOLAR	OBJETIVO
Colégio Internacional	Set - Dez de 2019	Particular	Professor de futsal
Escola Mirassol	Aproximadamente 1 ano	Estadual	PIBID
Escola Santos	Aproximadamente 6 meses	Estadual	Estágio de Docência no Ensino Fundamental
Colégio Fortaleza	Aproximadamente 3 anos	Privada	Auxiliar de Recreação - Educação Infantil
Escola Londrina	Aproximadamente 1 ano	Municipal	Residência Pedagógica

4.3 Produção das informações

Os diários de campo, as anotações das aulas e os materiais dos estágios disponíveis no Moodle representaram os recursos indispensáveis para o desenvolvimento acadêmico e profissional e que se constituíram no principal modo de produção de informações. Os diários de campo proporcionam um registro detalhado das experiências vivenciadas durante estágios e atividades práticas, permitindo uma reflexão crítica e aprimoramento contínuo das habilidades. Além do mais, as anotações das aulas funcionam como um suporte fundamental para revisão e aprofundamento dos conceitos aprendidos em sala, garantindo uma compreensão sólida e uma base teórica robusta.

Ao relatar o nosso cotidiano, nos estágios obrigatórios, nota-se como os diários de campo ajudam a desenvolver e aperfeiçoar as nossas aulas.

[...]mantendo as atividades de matriz africana, na aula de quinta-feira fizemos duas atividades que as crianças gostaram muito, a primeira foi Mamba, uma variação do pega-pega[...], (trecho do diário de campo do Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental).

Além disso, os materiais disponibilizados no Moodle ofereceram uma série de recursos, desde textos e vídeos até fóruns de discussão e atividades interativas, enriquecendo o processo de aprendizagem e proporcionando uma maior autonomia ao estudante. Por fim, os trabalhos finais constituem uma oportunidade única para sintetizar os conhecimentos construídos ao longo do curso, permitindo a consolidação das habilidades e a demonstração da expertise desenvolvida ao longo do período acadêmico. Assim, a integração desses elementos proporciona uma formação ampla e prepara o estudante para os desafios do mundo do trabalho.

4.4 Cuidados éticos

Ao desenvolver este relato de experiência, foi possível conhecer cada espaço das escolas, mas além disso, foi um momento com diversos diálogos e vivências com professores, coordenadores, colegas de trabalho, alunos e demais funcionários, sendo uma rica experiência, para desenvolver e saber adequar meus conhecimentos nas escolas. Por isso, ao longo do relato, os nomes das pessoas e das instituições foram identificados por nomes fictícios, para manter os cuidados éticos na pesquisa.

Também procurei ao longo do estudo, trazer as narrativas de minhas experiências de modo honesto e rigoroso, ao mesmo tempo que com cuidado de não identificar pessoas e/ou instituições de modo se produzissem situações e argumentos que levassem a constrangimentos ou preconceitos.

5- ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

5.1 A experiência no Colégio Particular Internacional

Em 2017 finalizei o Ensino Médio, no Colégio Particular Internacional, perto do Estádio Beira-Rio, e neste colégio havia as aulas extracurriculares, para alunos do Ensino Fundamental/Anos Iniciais, com diversos esportes: futsal, basquete, skate, patinação, ballet, entre outras modalidades. Depois de passar um ano, já que nesse período estava me preparando para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entrei em contato com um amigo, que também foi aluno desse colégio e que naquele momento fazia parte como professor dessas aulas extracurriculares, e perguntei se teria vaga para ingressar como professor nas aulas extracurriculares deste colégio na Zona Sul.

Como as vagas para professor estavam todas ocupadas, foi necessário esperar até o meio do ano para conseguir uma vaga, pois houve uma quantidade maior de alunos esperados e por isso, tiveram que abrir uma nova turma e conseqüentemente, um novo professor era preciso para essa demanda. Mas para iniciar de vez com os alunos, tive que passar um período de aprendizagem com meu amigo, que já estava lá por um tempo, sendo uma experiência boa, porque eu nunca tinha dado aula e seria minha primeira experiência como professor.

No entanto, no primeiro mês de experiência, as aulas eram em duplas, para entender melhor como era o andamento do extra, e enfim, iniciei minhas aulas para as crianças da 5ª série, onde a turma tinha aproximadamente 15 crianças, mais da metade era composta por meninos. Entretanto, como as atividades eram um extracurricular, todas as crianças se conheciam, bem como, eu conhecia algumas crianças, pois alguns alunos eram irmãos de colegas, quando estava no Ensino Médio, tornando a experiência mais agradável.

De certo modo, sendo um ex-aluno do colégio, a relação que tinha com a direção era boa, mas aos poucos fui entendendo que como não era mais aluno, a comunicação com os outros professores e direção já era mais diferente, pois seria necessário também mostrar o profissionalismo por ambas as partes e sempre tendo respeito por todos. Além disso, havia uma combinação entre ambas as partes, à respeito da transparência com aqueles alunos que não conseguiam se comportar no extra, pois o mal comportamento desses estudantes, poderia acarretar na saída deles

das aulas extracurriculares, devido que tinha outros alunos querendo entrar, sendo bastante concorrido.

Neste período que trabalhei como professor no futsal, tentei desenvolver diversas atividades lúdicas para que fosse além de só jogar, pois entendia que para as crianças pudessem aproveitar, era necessário que elas brincassem também, com isso, criei atividades como o Jogo da Velha, com coletes, pega-pega com condução de bola, circuitos motores, entre outros. E isto, só foi sendo praticado, pois eu recém tinha entrado na faculdade e resolvi levar essas vivências que eu estava aprendendo, para as aulas de futsal.

Disciplinas essas, que foram no primeiro semestre da faculdade, isto é, em julho de 2019. Naquele semestre estava cursando Bases das Práticas Corporais (esportes) e Práticas Corporais Expressivas I, e nessas cadeiras pude aprender diversas brincadeiras que ao longo da minha vida, como estudante, nunca tinha visto e aprendido, sendo essencial para que eu pudesse transformar as aulas de Educação Física, em vez de só treinar as crianças.

Avalio que minha passagem pelo extracurricular, foi extremamente importante para minha carreira como professor, já que desde pequeno gostava de jogar futebol e ver que as crianças estão ainda interessadas em praticar algum esporte, já nos ajuda a querer sempre mais evoluir e ver eles evoluir também. Infelizmente, não consegui ficar mais no extracurricular, sendo essa experiência de apenas quatro meses, isto é, de Setembro até Dezembro de 2019 e que continuaria no outro ano, porém com o início da COVID-19, tivemos que parar, me afetando muito de como seria a partir dessa pandemia minha carreira como professor, pois estava compreendendo melhor como seria a carreira de um professor de Educação Física e estava disposto a querer sempre evoluir naquilo que mais gostamos.

5.2 A experiência na Escola Estadual de Ensino Básico Mirassol e o PIBID

A faculdade nos proporciona momentos importantes para a vida como docente, tanto nos estágios obrigatórios quanto com os programas de iniciação. Foi a partir desses programas, que entrei no PIBID - Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, focando no início da carreira de professor para os alunos da faculdade, através de vagas que são abertas no portal da UFRGS e os alunos se inscrevem e esperam ser chamados para as próximas etapas, até iniciarem no programa.

Na faculdade eu não estava fazendo nenhum estágio remunerado, e também não me via pronto para trabalhar em colégios, pois estava iniciando minha vida acadêmica. Além disso, não tinha muita noção que havia vagas para programas de estudo e que ainda podíamos receber trabalhando, pois eu entendia que as cadeiras de estágio obrigatório nos prepararia para a docência e para um estudante de faculdade, qualquer ajuda monetária é bem vinda.

Minha trajetória junto ao PIBID se iniciou em meados de março de 2021, no auge da pandemia, quando o Prof. Ricardo V., me convidou para fazer seleção neste programa de iniciação, que começaria em abril de 2021. Naquele momento não quis participar, pois não conseguia me ver dando aula, em forma remota. Entretanto, depois de conversar com meus pais e escutar os conselhos, resolvi deixar de lado essa dúvida, que tinha sobre dar as aulas de forma remota, para um desafio na minha carreira.

Depois do processo seletivo, iniciou-se a divisão dos estudantes para cada escola, e eu fui para uma Escola Estadual de Ensino Básico Mirassol, de Porto Alegre, localizada em um dos bairros mais caros da cidade, sendo um choque de realidade, pois ao lado do colégio, podíamos ver diversos prédios de classe alta, mas também era possível ver casas mais humildes. O cenário que se encontrava aquela escola, nesse bairro da alta sociedade, foi algo que me surpreendeu, pela desigualdade que havia no entorno do colégio.

Como estávamos na pandemia, as aulas foram todas remotas, isto é, desde o primeiro dia em 01/05/2021, porém nas duas últimas semanas, que foi até o dia 31/03/2022 do PIBID, a gente teve a honra de ir para a escola, pois já havia um decreto que liberava aulas presenciais nas escolas, com o uso de máscara. Além das aulas, aconteciam todas as semanas reuniões com a orientadora Regina, para alinharmos os planos de ensino, e saber como estávamos indo, pois cada docente, tinha sua turma, mas podíamos ajudar no andamento da aula, com a introdução, aquecimento ou na parte final.

Como estávamos na pandemia, foi necessário mudar todo o planejamento do PIBID, pois nos outros anos, os alunos da faculdade, iam até a escola e administravam as aulas. Todavia, com essa mudança, as aulas começaram a ser feitas de forma remotas e realizadas três vezes na semana, com a participação de outros docentes e observada pela orientadora, e podendo ter dois períodos seguidos com uma turma ou

dividido em dois períodos separados, com isso, conseguíamos ajudar os colegas nas aulas de Educação Física.

Já referi no texto, que algo me fez mudar de ideia e então participar desse projeto foi esse desafio que a maioria dos professores iriam passar, que seria dar aula em forma remota, ainda mais para um professor de Educação Física. Acredito que as práticas corporais na educação física escolar foram totalmente afetadas, devido às dificuldades geradas pelo lockdown, e dessa forma, impossibilitando a compreensão dos estudantes e o processo de construção da aprendizagem, nas aulas remotas.

Realmente foi um grande desafio, passar quase um ano dando aulas dentro de casa, já que as práticas que dávamos eram basicamente, treinamento funcional ou desafios com materiais produzidos em casa. O que mais incomodou nesse processo, foi ver que dos vinte e cinco alunos que tinha a turma, cerca de apenas cinco alunos se faziam presentes e, mesmo assim, não ligavam a câmera para participar, desestimulando o andamento da atividade e também no decorrer do ano letivo.

Entendo que essa mudança imediata para se adequar aos decretos que o Brasil estava passando e ter que sair das aulas presenciais para as aulas remotas, foi algo inesperado para todos, ainda mais que o espaço que tínhamos foi totalmente reduzido para as nossas casas, dificultando ainda mais o aprendizado das práticas corporais. Além disso, outra adversidade que muitos alunos enfrentaram foi ter acesso para participar das aulas on-line, tanto com internet quanto com a falta de computadores ou celulares, pois a aquisição desses dispositivos é algo caro e boa parte dos alunos vinham de famílias economicamente desfavorecidas.

Acredito/penso/considero/suponho que as aulas remotas foram o processo mais adequado naquele momento que passávamos, mas nesses dois anos de pandemia diversos fatores foram agravados para a evolução das crianças, tanto na parte motora, mas também nas questões de saúde mental, pois nas aulas presenciais, havia sempre interações com os colegas e professores, diferentemente nas aulas em formato remoto. Em março de 2022, último mês de PIBID, tivemos a oportunidade de ir ao colégio conhecer todos os ambientes e também, para darmos as nossas aulas, sendo um momento inesquecível, porque foi ali que conhecemos os alunos que de vez em quando entravam no Meet, e muito além disso, foi um dos primeiros contatos que tive depois de passar dois anos em casa.

Como já escrito, esta escola estadual se localiza em um bairro de classe alta e ver essa desigualdade foi algo que chamou minha atenção, pois diferentemente dos

colégios particulares que tem ao redor, com uma infraestrutura e com uma diversidade de materiais que dá inveja, o colégio que estávamos era totalmente diferente. Havia um galpão que desde um temporal que teve em Porto Alegre, no verão de 2016, estava interditado, pois a estrutura estava frágil, e desde então não tinham arrumado ainda.

Nos dias que fomos na escola, conseguimos propor diversas atividades, porque os alunos estavam com o ânimo fortalecido, também foi o momento que tivemos interação com a professora e coordenadora Regina, pois os únicos momentos que tínhamos vivido a relação pedagógica era através do Google Meet. A experiência foi boa, porque conseguimos propor e viver jogos de pique bandeira, marco polo e queimada nos dias que fomos lá, com turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

5.3 A experiência na Escola Estadual Santos e o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental

Descrever um estágio sempre foi difícil, pois em vários momentos que tivemos no Estágio de Docência oscilamos com conquistas, fracassos e com muito aprendizado, tanto com os professores, quanto dos colegas que nos ajudaram. Dessa forma, nossa evolução como docente agregou para nosso futuro, no estágio e também no cotidiano.

A jornada na escola desde o primeiro dia até as últimas aulas foram com mudanças, mas também positivo, porque o estágio proporcionava dois docentes, eu e meu colega Paulo para dar as aulas e, dessa forma, conseguíamos dar mais atenção a cada momento das aulas planejadas. Entretanto, sabemos que a realidade é totalmente diferente nas escolas, com apenas um professor para conduzir as aulas de Educação Física.

Infelizmente, para quem só estudou em colégio particular, ter impressões positivas de escolas públicas é difícil, e eu me encaixo nesse nicho, pois a realidade de um ensino para outro é gigantesca, com sua infraestrutura e dos materiais disponíveis para as aulas, que as escolas privadas possuem. Diferentemente das escolas públicas, que por sua vez, são cada vez mais precárias ou que não dispõem, devido a falta de investimento do governo.

Como a pandemia havia afetado todo o calendário na faculdade, depois que voltaram as aulas presenciais, a disciplina de Estágio de Docência de Educação Física

no Ensino Fundamental iniciou em Novembro de 2022 e só terminou no outro ano, em Abril de 2023, tendo um recesso escolar no meio dessa disciplina de estágio.

Realmente não sabia como seria minha experiência na escola, pois ter que trabalhar com materiais improvisados ou até não conseguir propor atividades, por falta deles, é um desafio para qualquer professor de Educação Física. Entretanto, como argumentado anteriormente, ter o auxílio de outro colega para o andamento das aulas foi fundamental para as nossas vivências.

Foi a partir do primeiro encontro na faculdade que esse pré-conceito que tinha das escolas estaduais foi mudando, mesmo sabendo que seria desafiador, já que a conversa que tivemos com o professor foi crucial para darmos início à nossa docência na escola.

Começamos então na escolha da turma que ficaríamos no nosso semestre letivo inteiro, mantemos as aulas na primeira parte do ano letivo, pois os antigos estagiários da disciplina de Estágio de Docência da faculdade já tinham iniciado o ano letivo com a turma. Já na segunda metade do estágio, isto é, pós recesso escolar, resolvemos iniciar com brincadeiras com matriz africana e indígena, e isso só foi colocado em prática, devido à fatores que a universidade nos proporcionou e também, pelo cenário da escola pública que apoiou essa iniciativa.

O nosso planejamento das aulas, já estava próximo de ser concluído, faltava mesmo era escolher a turma que ficaria com nós, durante esses dois períodos, sendo de séries diferentes. Com isso, resolvemos escolher o 5º ano do Ensino Fundamental, dos Anos Iniciais, sendo o encerramento de uma etapa, para ir aos Anos Finais, que por conseguinte seria no outro ano o 6º ano.

Já no segundo encontro, partimos eu e mais dois colegas para a Escola Santos, na Zona Norte de Porto Alegre, numa manhã chuvosa, e aquele pré-julgamento que tinha, foi desaparecendo. Ao longo daquele dia, com o ânimo a mil, já queríamos dar a nossa primeira aula, mas não foi possível, começamos então dando uma volta pelo colégio para conhecer cada espaço e um momento que chamou minha atenção, foi que no corredor do colégio, havia uns murais, com frases e imagens de homens e mulheres negras, com representatividades, como do Martin Luther King, dizendo: “I have a dream”, frase marcante para o futuro dos Norte-Americanos, e também outro mural com frases motivacionais.

Além disso, tivemos uma reunião com a diretora, vice-diretor e coordenadora, contando-nos que a escola tem uma transparência da direção com os pais e suas

atitudes com os alunos, dentro do espaço escolar. Entretanto, numa tarefa da faculdade, a professora Cristina, que estava fazendo o estágio docente do seu curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano em nosso grupo, me fez refletir um pouco sobre esse “mar de rosas” que acontece no colégio, perguntando se “a escola tem um clima tão bom assim, ou nós que enxergamos assim porque vivemos apenas uma parte dela?”, acredito que por não estar envolvido com tudo que acontece lá dentro, torna-se bom trabalhar, mas imagino que seja complicado ter que lidar com tanta burocracia que uma escola exige, além de vivenciar momentos difíceis com alunos ou problemas que trazem de casa.

Deu para notar que a escola tem uma qualidade de ensino e uma infraestrutura, com ginásio coberto, para atividades em dias de chuva, um espaço com tatames, podendo ser utilizado para esportes de combates, uma grande área aberta, e foi nessa área que mais utilizamos para as nossas atividades, sala de artes, biblioteca, refeitório e um auditório para os eventos. Sendo que no primeiro dia, fomos no auditório, porque estava tendo feira de ciência, com os alunos dos Anos Finais, e isso tudo, sendo cuidado e bem organizado, pela direção, para que todos os alunos pudessem usufruir da melhor maneira possível, claro que de certo modo, há uma ajuda da universidade, já que existe uma colaboração entre ambas, contudo a escola tem uma diretriz e um plano de ensino excepcional, além disso, percebemos também que havia uma liberdade dos alunos para pegar os materiais da sala da Educação Física durante o intervalo.

O nosso primeiro contato com a turma foi bem rápido, já que, neste dia eles estavam numa prova e não podíamos ficar tanto tempo ali, e com isso, não tivemos uma proximidade maior e também não tínhamos noção de como era a turma e que tipo de atividades eles gostavam. Por isso, fomos conversar com a coordenadora Manuela, pois queríamos estar a parte de como era o comportamento da turma se havia questões familiares que poderiam acarretar em complicações com o andamento das aulas, além da comunicação com o estudante, e foi importantíssimo, para termos uma noção de como administrar essas situações, também tivemos uma perspectiva de como lidar com alguns alunos, que por ocasião pudessem exigir mais atenção dos docentes.

Com o ano letivo acabando, resolvemos perguntar para a turma, na aula seguinte, que brincadeiras e esportes eles gostavam, com o intuito de finalizar com atividades do agrado deles, e claro que o futsal e o vôlei foram as respostas mais ditas,

além do pega-pega. E foi a partir disso, que resolvemos fazer nossos planos de aula, com essas brincadeiras e jogos, na primeira etapa do estágio obrigatório, tendo seis aulas de esporte de invasão e pega-pegas adaptados, isso dividido em dois momentos da aula. Isto só seria praticado nas aulas seguintes, porém como só tínhamos ido na sala um dia para nos apresentar, resolvemos fazer três brincadeiras com a turma, a primeira brincadeira foi passar aleatoriamente uma bolinha de tênis para o colega e dizer o seu nome completo e a sua comida preferida, a segunda brincadeira, manteve a bolinha e dizer seu nome, porém eles deveriam falar o seu artista ou atleta preferido e por fim, resolvemos fazer a brincadeira do Ovo Podre, ao finalizar chamamos toda turma para voltar à sala e nos despedimos, agradecendo a participação de todos.

Mesmo possuindo uma boa qualidade de ensino, os materiais usados eram escassos ou infelizmente tínhamos que ter um plano B, pois não havia material suficiente para o andamento da aula. Também fomos desafiados a criar novos materiais, como no caso, de uma aula de iniciação ao vôlei, com poucas bolas, para uma turma grande, tivemos que adaptar, a partir da dica que o professor Eduardo nos deu para essa aula, e dessa forma, começamos a criar bolas adaptadas, apenas com jornais, sacolas plásticas, fitas e balões, e assim, teríamos diversas bolas de “vôlei”, mas poderia ser para iniciação de queimada, basquete, futebol entre outras, para darmos a aula.

E por incrível que pareça, teve um feedback positivo, porque todos os alunos conseguiram praticar os fundamentos básicos do vôlei: manchete, levantamento e o saque, mesmo aqueles alunos que não tem tanta habilidade ou que não gostam de participar pediram no final da aula que tivéssemos novamente essas atividades com as bolas adaptadas. Por infelicidade, na outra semana que teríamos aula com esporte de invasão, ao chegarmos na sala de Educação Física, algumas bolas tinham sumidas e outras estavam murchas, e isso me incomodou muito, como dito antes, a escola proporciona para os alunos a liberdade de entrar na sala para pegar emprestado os materiais durante o intervalo e infelizmente não cuidaram, à ponto de praticamente todas as bolas não serem mais utilizadas, e com isso, mudamos o nosso plano de aula em cima da hora.

Durante o recesso escolar dos alunos, a faculdade continuava, pois os semestres ainda não tinham voltado ao calendário regular, ou seja, de março até dezembro, por conta da pandemia de Covid-19. Com isso tivemos a nossa primeira aula do ano, na faculdade, sendo um momento de conversa e planejamentos para

iniciarmos as aulas na escola, e ao longo da conversa, tivemos a ideia de voltar ao colégio para arrumar a sala da Educação Física e o mais inusitado, mas que nos rendeu muitas risadas e admiração/respeito, de certo modo, da direção, foi ter pintado a quadra de vôlei, em pleno Janeiro, fazendo um calor, mas que no final da manhã deixou a gente com uma satisfação de ver o espaço colorido refeito em sua manutenção. Em outro momento, fomos à escola conversar com a diretora, trocando várias ideias sobre como o colégio funciona e como os pais entendem o ensino da escola, porém no meio da conversa, entramos num tema muito forte sobre identidade de gênero e também sobre roupas, onde alunos e alunas do colégio entraram numa discussão com a diretora, pois alguns não se identificavam nem como homem e mulher e também sobre vestimenta que as meninas usavam, e a diretora achava isso um absurdo, mas na cultura atual, entendemos que cada um pode usar o que quer e não se pode privar e foi por isso que as gurias não gostaram e discutiram com a diretora da escola.

Já na segunda metade das aulas, isto é, o início do ano letivo nas escolas, conseguimos criar do zero os planos de aula e utilizando também as aulas da primeira etapa, conversando com meu colega, foi bom para nós começar assim, porque queríamos sair daquele casulo do futsal e vôlei, e com base nisso, o nosso plano de aula teve dois focos, esportes de marca - atletismo, pois naquele semestre da faculdade, tivemos a cadeira de atletismo, ficando fácil dar essas aulas. E também com uma dedicação maior, resolvemos levar para eles brincadeiras e jogos de matriz africanas e indígenas, com objetivos de conhecer novas brincadeiras, reconhecer e valorizar a história e a cultura das raízes e do próprio país, através de brincadeiras “diferentes” das usuais, além de analisar semelhanças que pudessem ter as brincadeiras, com as conhecidas, de certo modo, no início as crianças não sabiam quase nada sobre a cultura e jogos, bem como, não curtiram tanto essa ideia de trocar o futsal por jogos africanos e indígenas, porém estávamos dispostos a desconstruir esse pensamento deles.

Aprender novos conteúdos, é um marco para qualquer professor, ainda mais em aulas de Educação Física, devido que pode ser muito fácil para o professor largar uma bola e deixar as crianças brincarem, sem ver a evolução da psicomotricidade e no desenvolvimento motor de cada aluno. E desse modo, iniciamos novas atividades para as crianças, a partir de estudos que tivemos ao longo dos anos na faculdade, porém tendo uma importância maior nos últimos semestres.

Em uma aula da nossa disciplina, tivemos o privilégio de conhecer a Profa. Giovanna B., dando uma aula sobre a Educação Física escolar e a educação para as relações étnico-raciais, com a Pedagogia Griô. Já na cadeira Educação Física escolar, Interculturalidade e Grupos Étnicos, passamos por vários contextos do ensino europeu que aprendemos nos dias atuais, mas que seria fundamental preparar a educação com outras perspectivas de ensino, visto que, nas escolas mal aprendemos a cultura africana e indígena, apenas nos dias da Consciência Negra ou no dia dos Povos Indígenas. Além do mais as crianças não sabem que existem diversas brincadeiras que podem ser feitas nas aulas, desde o pega-pega até na confecção de arcos e flechas, e por isso, nessa segunda parte do estágio demos uma atenção maior nessa metodologia de ensino.

A partir, de artigos e livros, iniciamos as nossas aulas com brincadeiras de pega-pega, mas com nomes africanos, como o “Mamba”, uma variação do pega-pega, onde um aluno estará dentro de um retângulo desenhado no chão e os outros estarão em volta do retângulo e o objetivo é pegar aluno por aluno e juntos de mãos dadas continuar pegando os outros colegas. Outra atividade que trabalhamos foi “Mbube Mbube”, significando um leão e uma presa, com dois alunos vendados, estavam dentro da roda, formado pelos outros alunos, quando o leão estiver perto da presa, as outras crianças deviam dizer bem alto “Mbube Mbube”, mas quando os dois alunos estivessem longe, as crianças falavam baixinho, e assim, o leão ia sendo guiado pela turma, além dessas atividades, finalizamos com a construção de arco e flechas, confeccionados pelos próprios alunos, utilizando cabides e cordas e depois fomos para o pátio brincar com seus arcos, com uns circuitos e no final das atividades, puderam levar para casa.

À medida que a turma foi aprendendo e entendendo que as atividades e brincadeiras de matrizes africanas e indígenas eram importantes para o seu futuro, tivemos momentos com rodas de conversas, a partir dos valores civilizatórios afro-brasileiros, mostrando algumas palavras (CIRCULARIDADE, RELIGIOSIDADE, CORPOREIDADE, MUSICALIDADE, COOPERATIVISMO / COMUNITARISMO, ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA, LUDICIDADE, ENERGIA VITAL (axé) e ORALIDADE) e pedimos que eles relacionassem com as brincadeiras que tivemos ao longo das aulas. Como na atividade Mbube Mbube, mostrando a presença da circularidade, com o grupo em roda falando, ao mesmo tempo, o cooperativismo, com o leão sendo

ajudado pelos colegas a encontrar a presa, a corporeidade, por estarem vendados, tendo que usar seu corpo para tentar achar a outra pessoa, sem machucá-lo.

Nota-se que os valores civilizatórios são combinações e atendem a fluxos e conexões e que se dão na cotidianidade da civilização, além disso, percebemos que nas aulas, aqueles(as) alunos(as) que são mais quietos, conseguiram se enturmar mais com seus colegas e também aprender mais com o assunto. Outro momento que chamou minha atenção, foi nos murais do colégio, onde alunos de outras turmas, dos Anos Finais, tinham aprendido a cultura afro-brasileira e africana, com personalidades que marcaram a história.

O ano de 2022 foi muito intenso, já que tivemos 3 semestres letivos no mesmo ano, com o diferencial que no nosso último semestre, só iria finalizar em 2023. Dar aula em dois momentos foi algo desafiador, mas ao longo dessa trajetória conseguimos finalizar com êxito. Se me perguntassem se seria, de certo modo, tranquilo dar aula para crianças de 5o e 6o ano, diria que não, mas surpreendeu-me ver todas as crianças participarem com muita dedicação e dispostos a aprender, e a gente aprender com eles.

Houve momentos que não deram certo algumas atividades e isso acontece, todavia como professor temos que ter sempre um plano B, sendo crucial no estágio, além disso, foi trabalhoso lidar com crianças de 11 e 12 anos, ainda mais, pós-pandemia, tendo em vista que o cooperativismo, oralidade e o desenvolvimento motor ficaram debilitados por tanto tempo. Além disso, trabalhar em duplas ajudou no andamento das aulas, pois enquanto um explicava o outro montava as atividades e ter dois pensando nos planos de aula, tornou-se o trabalho do professor de Educação Física mais saudável, por isso, o Estágio de Docência me proporcionou uma evolução, que não veria no trabalho ou no estágio sozinho.

5.4 A experiência no Colégio Fortaleza

Há momentos da vida que quando aparece a oportunidade de trabalhar em um colégio de excelentíssima qualidade, não podemos pensar duas vezes, e foi assim que eu fiquei, quando o Colégio Particular Fortaleza entrou em contato, informando que eu tinha sido aceito para ser educador. Entendo que ter no currículo uma passagem por esse colégio é algo que muitos alunos de faculdade gostariam de ter, pela qualidade de ensino e pela infraestrutura que o colégio nos proporciona, mas no meu caso é algo que vai além do trabalho.

A minha infância foi marcada por grandes oportunidades, e creio que a maior de todas, foi ter feito todo meu Ensino Fundamental como bolsista neste colégio, e isto só foi possível pela dedicação dos meus pais por terem corrido atrás de todos os documentos necessários, para dar entrada no colégio. Nunca nos faltou nada, mas também não tínhamos uma vida de luxo, pois morávamos de aluguel, em um bairro centro-sul, logo a realidade da região era cara.

No início do ano letivo de 2007, comecei a minha jornada como estudante bolsista, neste colégio, entretanto as nossas aulas eram em outro lugar, localizado em um bairro com Organizações Militares, a Unidade era composta por 100% de estudantes bolsistas. Foram sete anos de ensino, da melhor qualidade, pois o que nos diferenciava dos alunos do bairro de elevada condição sócio-econômica, era o local de estudo e por não precisar pagar, como já dito, ter este ensino de alta qualidade, só me fez crescer na vida.

No meu último ano do Ensino Fundamental, isto é 2014, tínhamos a oportunidade de continuar como bolsista, para o Ensino Médio, a partir das nossas notas e mesmo que não conseguíssemos pelas nossas notas, era possível conseguir descontos. Porém uma das inúmeras preocupações que meus pais tinham e que me fez refletir muito foi quando minha mãe disse: “filho, enquanto teus colegas vão para Disney, a gente vai para Alegrete”, e realmente sempre teve essa desigualdade e até mesmo esse soberba por parte de alunos e dos pais, quando íamos para o “colegião” disputar as olimpíadas escolares.

Acredito que esses sete anos como estudante do colégio foram de muita aprendizagem, mas além disso, me tornou alguém que entende sua classe social, ficando de certa forma deslocado com aquele nicho. Entretanto, quando iniciei minha formação na faculdade, isto em agosto de 2019, meu objetivo sempre foi voltar para lá e iniciar minha carreira como professor, em um lugar tão especial e que marcou minha vida inteira.

Minha caminhada no colégio iniciou-se em dezembro de 2021, como estagiário da Educação Infantil, no final do ano letivo, mas que continuaria com o Brincando nas Férias, porque o colégio não para nas férias de verão. E assim, o Brincando nas Férias, nada mais é que uma colônia de férias com um número reduzido de alunos e foi assim que eu consegui já entender melhor como funciona o andamento das aulas, porque mesmo sendo a colônia de férias, as atividades escolares continuavam, mas com um jeito mais lúdico.

Neste período, tive mais contato também com alguns alunos que iam continuar na Educação Infantil, no Nível 5 (dos 5 até os 6 anos), mas também estavam crianças do N4, que fizeram a transição no Berçário, onde ficam as crianças do N1 até o N3. No Brincando nas Férias, tive a experiência de conduzir diversas atividades motoras e brincadeiras folclóricas, como variações de pega-pega, bolita-cross, pula corda, circuitos motores e atividades de raciocínio lógico.

Após o Brincando nas Férias, iniciou-se na metade do mês de fevereiro, o ano letivo no colégio, tendo diversas palestras, reuniões e sábados letivos, para todos os educadores. Neste primeiro ano de colégio, passei por altos e baixos, como educador, porque neste período estava conhecendo ainda meus colegas de trabalho e não tinha tanta intimidade, mas que ao longo dos dias fui me enturmado com todos, além disso, muitas das atividades que propus, não estavam saindo do jeito que gostaria, e isso, me incomodava, pois ainda não entendia como era propor atividades para crianças de 4 anos e só consegui ter essa noção, no final do ano, com a ajuda dos outros recreacionistas, que foram me dando conselhos e ajustando as atividades que estavam sendo feitas.

Como já dito anteriormente, meu sonho como professor, era voltar para a Unidade do colégio, onde tive os melhores momentos da minha vida como aluno e ser humano. Infelizmente não consegui voltar para meu antigo colégio, e segui na Unidade do bairro da alta classe porto-alegrense, escola esta, que é composto por alunos elitistas e por conseguinte, há uma discriminação por parte deles, com alunos bolsistas, tanto da outra Unidade de ensino, quanto com bolsistas que estudam na própria Unidade.

E por isso, gostaria de ter voltado para o colégio que me desenvolveu para o mundo, mas como a coordenadora da Educação Infantil, não quis que eu fosse para lá, foquei em aprimorar a educação e o respeito das crianças com todos, além de elaborar diversas atividades psicomotoras. Desenvolver essas ações foram importantíssimas na minha carreira, porque no dia 04/04/2022, fui contratado para a equipe, e assim, foi um dos dias mais felizes da minha vida, por estar fazendo algo que eu gosto muito e em uma escola que me preparou para o mundo.

5.5 A experiência na Escola Municipal de Educação Básica Londrina e a Residência Pedagógica

Em cada estágio aprendemos a valorizar cada momento com os alunos e também as vivências que construímos no lugar. Na Escola Municipal Londrina não é diferente, pois ela é o modelo de escola municipal com diversas palestras, como culturas de matriz africanas, indígenas, sobre feminismo, entre outras, e com projetos incríveis, tornando exemplo para as demais, além disso, por ser o exemplo de escola municipal, para a Secretaria Municipal de Porto Alegre, ela nos desafia a criar diversas atividades, devido a variedade de materiais que nos oferecem, como também, aos espaços.

A minha ida ao colégio, se deu com a oportunidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em abrir vagas de bolsa para alunos dos semestres finais da faculdade, para ingressar como professor dos alunos, no Ensino Médio e depois de entregar todos os documentos, tive a oportunidade de ser chamado e enfim iniciar essa nova trajetória em outro colégio, que não sabíamos qual seria. Infelizmente a bolsa da Residência Pedagógica tem um contrato curto: no edital que ingressei havia a previsão de duração de nove meses.

Como escrito anteriormente, minha ida nesse novo estágio, se deu por causa da abertura de vagas na Residência Pedagógica (RP) da UFRGS, através de colegas que mandaram no grupo da turma, logo iniciei os preparativos para entregar todos os documentos necessários à UFRGS e depois de algumas semanas fui notificado que havia conseguido a vaga para a RP, fiquei feliz, pois a minha última experiência como bolsista tinha sido desafiador e ao mesmo tempo complicado, já que estávamos na pandemia, mas também sabia que esse novo estágio seria difícil da mesma forma que a anterior. Isto porque, a única coisa que eu sabia, era a distância dos colégios, em relação aonde moro.

Em junho de 2023, ingressei na Residência Pedagógica na Escola Municipal de Educação Básica Londrina, no extremo da Zona Norte de Porto Alegre. Já começava a primeira dificuldade do dia, já que a ida até lá, seria acordando bem cedo, para não perder o primeiro ônibus e depois chegar em outra região que eu não conhecia e pegar o segundo ônibus para chegar na escola. Esta parte para mim foi a mais complicada, pois há um cansaço físico e mental de pegar ônibus cheio e de vez em quando ver que o horário do ônibus está atrasado, entretanto sei que muitos professores passam por isso e ao chegar na escola, já estão sem aquela vontade de dar aula.

Ao chegar no primeiro dia da Residência Pedagógica na nova escola, fomos recebidos pela professora de Educação Física Sandra e também pelo nosso orientador Eduardo, nos levando para conhecer cada espaço do colégio, desde os espaços que poderíamos trabalhar, até o refeitório, onde os alunos recebiam café da manhã, lanche e almoço. Isto eu sabia, já que era sempre no turno que estava, mas também deveriam receber lanche da tarde e até janta. Após conhecer toda a escola, fomos ao encontro da direção e dos professores que lá estavam, sendo importantíssimo para o nosso acolhimento na escola. Conversamos bastante com vários professores e destaco um outro professor de Educação Física que tive uma conexão, porque ele entendeu o nosso papel e sabia que a gente poderia ajudar com novas atividades e ele nos ajudar.

Após conhecer toda a escola, o diretor nos contou um pouco sobre como era o ensino da Educação Física, que já houve um propósito de ser aulas competitivas, para que os alunos pudessem competir nos campeonatos, mas que agora o foco fosse outro, mais para o lado do desenvolvimento do aluno. Além disso, foi dito que a escola tem como objetivo levar os alunos a projetos de diversas cadeiras e que continuasse como exemplo das escolas municipais, através de movimentos estudantis que fortalecem a identidade da escola, e de certo modo ela condiz com seus ideais. Pressuponho que a escola seja assim, devido ao fato que ao lado dela, existe o Quilombo Machado e por ter uma liberdade de poder conversar com os pais sobre diversos assuntos.

Depois que iniciamos na RP, tivemos uma conversa para saber que dia cada residente poderia ir e também escolheríamos uma turma para dar as aulas, como quinta-feira era o dia que eu tinha livre, iniciamos então a jornada, durante um mês observamos as aulas que a professora Sandra desenvolvia com as turmas. Nesse período, estávamos criando uma relação com cada turma, pois mesmo que não estivéssemos dando aula, só a vivência de estar em uma sala de aula, torna o dia daquele aluno interessante, já que uma pessoa nova na turma deixa sempre aquela dúvida de quem é essa pessoa. Foi assim com as quatro turmas que tinha nas quintas-feira, todos perguntavam se era filho da professora ou se era alguém importante para estar naquela sala de aula, houveram diversas perguntas, diversas curiosidades e a partir disso, já comecei a criar laços com cada turma. Contudo, uma turma do 8º ano me chamou a atenção, turma esta que chegava depois do recreio agitadíssima, mas que ao ver uma pessoa diferente se acalmavam, sendo algo que fez-me escolher desde aquele dia, como turma para dar as aulas.

Enquanto não havia uma turma definitiva, continuávamos criando relação com os alunos, mas também era necessário saber como cada turma estava se comportando e entender como eles estavam com as notas, de modo que, na segunda semana de observação aconteceria na escola o Conselho de Classe, sendo fundamental para entendermos a situação de cada aluno. Não nego que fiquei nervoso, pois a gente mal tinha entrado e já estávamos presentes numa reunião tensa, uma situação que eu notei, foi que professores de Educação Física não tem tanta liberdade de explicar, já que a maioria dos alunos vão bem nas aulas, comparado com as outras disciplinas. Avalio que essa situação é um absurdo, já que as aulas de Educação Física são momentos que os alunos devem se expressar e que os docentes da área merecem ter a mesma voz e participação que outros professores.

Passado esse um mês de observação, tivemos uma reunião com todos os residentes para escolher, enfim, nossa turma e também para conversar um pouco sobre o que cada um estava sentindo e aprendendo na escola. Foi um momento bem interessante, pois a ideia que cada um tinha era parecido com o outro, situações que cada residente passava no seu dia era algo que chamava a atenção e no final da nossa conversa, cada um escolheu sua turma. Como havia manifestado, a única turma que chamou minha atenção foi a 83, turma esta, com uma diversidade de alunos, com a sua juventude à flor da pele, mas que ao mesmo tempo, eram queridos, conseguiam escutar a professora. Em relação a essa turma, a professora Sandra me comentava frequentemente: “eles são uma turma que gostam de participar das aulas, mas não conseguem escutar, e isso no primeiro trimestre foi complicado¹”. Além disso, a turma tem alguns nichos, aqueles mais quietinhos, os mais agitados, tem o grupo das meninas e dentro desse grupo, tem outro grupo de meninas que não se enturmam tanto com o restante e tem algumas lideranças lá dentro. Ao meu ver, quando algum dos líderes pedem para a turma parar de falar, conseguem enfim, escutar o professor.

Como professor, tendo a não eleger aquele aluno/aluna favorito, porém há um aluno que mexeu comigo pela sua história. O nome dele é Jonathan, ele veio do Haiti, sendo o primeiro ano dele na escola. Precisou lidar com o bullying, já que no primeiro dia de aula, quando alguns alunos começaram a brincar com ele, falando do país e que era para voltar, pois o lugar dele era lá. Além disso, pude acessar a narrativa de que houve um episódio dos estudantes se empurrarem, até que em um momento o

¹ Informação oral manifestada pela professora Sandra ao longo das aulas nessa escola.

Jonathan saiu no soco com dois alunos, a ponto da Direção ter que tirar os dois alunos, pois eles estavam apanhando. Jonathan foi chamado na Direção e tiveram que chamar a mãe. Ela ficou envergonhada com essa situação, pois não era esse o pensamento que ela queria que tivessem dele, mas ao longo do ano, notou-se que a educação é exemplar. Além disso, ele nos contou que no Haiti, as professoras utilizavam da palmatória para punir os alunos que erravam alguma pergunta, e por isso que nas aulas, era comum ele não falar por medo que pudesse receber uma punição.

Essa Escola Municipal tem realizado diversos projetos, como o Projeto Renovação do Espetáculo: “Negra, Sim!”, a Cultura Hip-hop, além desses projetos, houve palestras na Semana da Consciência Negra para os alunos, porém tive a impressão que tal proporção de projetos e eventos prejudicou um pouco o andamento das aulas, já que depois de quatro meses de residência, infelizmente eu posso contar nos dedos quantas aulas eu consegui proporcionar até hoje. Exemplo disso era o fato de que em todas as quintas-feiras havia alguma atração no colégio.

Nesse período tivemos uma apresentação de orquestra de um quartel, tivemos rodas de conversa só para os alunos, com isso, as demandas para as aulas não foram desenvolvidas, teve a feira de ciência, conselho de classe, imprevistos com temporais, afetando a escola, de forma que em algumas oportunidades se cancelassem as aulas. Houve o período de férias em julho de 2023 e por fim, boa parte dos feriados desse ano aconteceram nas quintas-feiras, afetando assim as nossas aulas das quintas, com a turma 83. Por um período eu realmente fiquei bravo com isso, pois a escola poderia ter planejado melhor alguns desses eventos.

Em um mês eu não consegui dar nenhuma aula e além de afetar a minha docência, quem supostamente saía mais no prejuízo eram os alunos, que ficavam cobrando da Direção por não terem aula e foi a partir dessa mobilização dos alunos, que me deu mais vontade de proporcionar para eles as melhores aulas possíveis até o final do semestre. Poder ver a felicidade dos alunos ao saber que teríamos aula, é algo que nunca tinha acontecido comigo, porque ao chegar na sala de aula e avisar, foi uma gritaria, diversos pulando e uns mais exaltados.

Nestas aulas que consegui dar, a primeira aula foi incrível, na segunda semana de agosto de 2023, sendo o primeiro contato que tive com a turma. Conversamos um pouco sobre como seria as aulas até o fim do ano e também fiz alguns acordos para que no final de cada aula, caso boa parte da turma se comprometesse em participar, daria alguns minutos para eles jogarem outros esportes. É claro que tem alunos que

vão sempre reclamar por estar dando algo que eles nunca praticaram e no final só querem ficar jogando vôlei ou futsal, mas acredito que um professor deva sempre viabilizar diversas vivências para seus alunos e eu tento seguir nessa linha de raciocínio, através de esportes que só vão ser feitos nas aulas de Educação Física.

Baseado nisso, iniciei com eles o esporte de atletismo, ainda mais que a direção da escola tinha feito numa área livre, raias para que pudéssemos criar aulas, foi dividida em três objetos de conhecimento: esporte de marca, corrida de revezamento e salto em altura, isso tudo com os materiais que tinha na sala da Educação Física. Uma aula que a maioria da turma gostou, foi na corrida de velocidade, com a vivência da inclusão, onde eles eram divididos em duplas e tinham que fazer uma pequena corrida, sendo um com os olhos vendados, enquanto o outro guiava. Depois haveria a troca e a segunda atividade foi colocar um elástico na quadra, com um chinesinho dentro, e o objetivo era ir correndo em direção ao colega que estava guiando, através do som.

No momento de escrita desse trabalho, em novembro de 2023, iniciei com eles o trabalho com esporte de invasão, com duas aulas de hóquei na quadra, para que eles pudessem vivenciar um outro esporte que não seja comum. Mas como nem tudo dá certo na vida, fiquei desapontado por ver diversos alunos sentados na arquibancada, em vez de vivenciar um esporte que não seria mais praticados por eles, só que toda ação, tem uma reação, e aquela combinação que tínhamos dos minutos finais ser livre, nesse dia não teve, pela atitudes dos alunos. Esse processo só está sendo possível, pois a escola cria as condições para que possamos planejar e criar aulas desse tamanho, além permitir com uma variedade de materiais.

Entendo que qualquer professor só vai evoluir se tiver força de vontade e isso vale para qualquer campo, pois infelizmente o que deveria ser incorreto, torna-se cada vez mais frequente um professor de Educação Física largar a bola e ficar mexendo no celular, enquanto a turma fica jogando, mas eu, como professor, considero sempre evoluir na profissão a gente nunca está pronto, sempre devemos melhorar e evoluir como profissional. Creio também que cada experiência mencionada até hoje me faz ser aquele professor que no Ensino Fundamental, trazia cada esporte para nós e que estava sempre disposto em deixar as aulas mais atrativas. Também reflito neste momento que a trajetória vivida na RP me permitiu aprender os seguintes aspectos: compreender o entorno do colégio, para que cada aluno possa vivenciar diferentes modalidades que não aprenderia no colégio.

Penso que aprendi a lidar com as emoções de cada aluno, já que adolescentes estão naquela fase de se apaixonar, se frustrar, se magoar, entre outros sentimentos, e isso afeta tanto eles, quanto nós professores, que devemos ajudar para que não machuque cada vez mais eles. Além disso, é necessário sempre ter atividades reservas, porque pode ocorrer do espaço destinado estar ocupado ou até mesmo sentir que o andamento da aula não está sendo tão bem proveitoso, e isso tudo, só vai sendo entendido ao longo da nossa jornada como docente.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo compreender como as diferentes experiências construídas nas instâncias formativas curriculares e extra-curriculares ao longo da minha trajetória, no curso de Licenciatura em Educação Física, foram produzindo o docente que sou hoje. A partir de lembranças e de diferentes registros efetuados desde essas experiências, pude relatar, revisar e analisar diversos momentos que atravessei na minha jornada como professor iniciante.

No decorrer do estudo me deparei com diversas incertezas e inseguranças de como administrar uma aula, pois na vida de um professor de Educação Física haverá momentos que uma atividade dispersará boa parte dos alunos, e dessa forma, planos para que isso não aconteça devem ser feitos, mas por ser inexperiente, ficava dando aula para aqueles que ainda estavam participando. E isto, é algo que qualquer docente iniciante passa, lidar com as demandas do equilíbrio emocional, mas além disso, se desenvolver pessoalmente e profissionalmente, para que essas situações possam ser melhor gerenciadas ao longo da sua carreira.

Refletindo sobre cada trabalho e instância vivida, o meu desenvolvimento só foi possível com a ajuda de diversos colegas, professores e até mesmo alunos, para que eu pudesse gerir as aulas de maneira tranquila. Um exemplo disso foi o Estágio de Docência, cuja realização foi em duplas. Dessa forma, conseguíamos conduzir as aulas de maneira onde todos os alunos tivessem a atenção adequada para fazer o exercício. Claro que, convencionalmente, em outras instâncias, o professor não terá um outro colega para auxiliar, mas essa experiência tornou o aprendizado do docente mais potente.

Acredito que por todas as escolas que passei, sempre tentei dar o meu máximo nas aulas, mas havia momentos que não davam certos, ainda mais quando iniciei a minha trajetória como docente. Foram muitos altos e baixos, à respeito dos planos de aula que eram propostas, pois não sabia se os alunos, tanto dos meus antigos e atuais trabalhos quanto dos estágios que participei, erros e acertos, estes que ao longo das jornadas tínhamos que estar sempre mudando, já que, ao decorrer das atividades, víamos que a aula não estava rendendo, e desta forma, mudávamos as brincadeiras ou as atividades de psicomotricidade, além de muitas dúvidas se era esse curso que eu gostaria de fazer, pois como argumentado anteriormente, não conseguia me ver dando aula para crianças e adolescentes, sendo um desafio que encarei no meu

primeiro trabalho como professor de futsal. Ainda hoje, tento encarar esses receios que um jovem docente passa.

Entendo que ao longo da minha trajetória, diversas vivências foram sendo construídas para me tornar o professor que sou hoje. Entretanto, as incertezas, a insegurança, a hesitação, vem junto em uma “malinha”, para sempre nos questionarmos se é isso que devemos fazer, só que por outro lado, essas vivências que construí, com a ajuda de diversas pessoas, desencadeou uma vontade de sempre me desafiar nas escolas, com atividades que pudessem despertar e estimular a coragem de cada aluno.

Assim sendo, este estudo buscou contemplar as experiências construídas na formação como professor, ao longo da minha jornada na Licenciatura de Educação Física, a fim de aproximar-me de uma compreensão do além do docente que sou hoje.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Maria Angélica; LARA, AM de B. Sobre as funções sociais da escola. In: **IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.** PUCPR. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/download/62404772/AS_FUNCOES_SOCIAIS_DA_ESCOLA20200318-61823-hhwmr5.pdf. Acesso em: 27 de maio. 2024.

FIGUEIREDO, Z. C. C. EXPERIÊNCIAS SOCIOCORPORAIS E FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 85–110, 2008. DOI: 10.22456/1982-8918.2395. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2395>. Acesso em: 27 maio. 2024.

FOLLE, A.; FARIAS, G. O.; BOSCATTO, J. D.; NASCIMENTO, J. V. CONSTRUÇÃO DA CARREIRA DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: ESCOLHAS, TRAJETÓRIAS E PERSPECTIVAS. **Movimento**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 25–49, 2008. DOI: 10.22456/1982-8918.3014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3014>. Acesso em: 27 maio. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MEDEIROS, Camila Rosa; FRASSON, Jéssica Serafim; FRATONI, Marília Souza; VONBOROWSKI, Eduardo Batista; CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos. O PROCESSO DE IDENTIZAÇÃO DOCENTE DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO INÍCIO DA CARREIRA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA ACERCA DO PROCESSO DE TORNAR-SE PROFESSOR. **Revista Didática Sistemática**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 275–286, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/5226>. Acesso em: 27 maio. 2024.

MOLINA, Rosane Kreuzburg e MOLINA NETO, Vicente. PESQUISAR A ESCOLA COM NARRATIVAS DOCENTES E GRUPO DE DISCUSSÃO. **Educação**. Porto Alegre. 2012, vol.35, n.03. Disponível em: pp.402-413. ISSN 1981-2582. Acesso em: 27 de maio. 2024.

PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. Funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, José Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Ángel. I. **Compreender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 13-26. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/1/89>. Acesso em: 27 de maio. 2024.

QUADROS, Zilmar de Freitas de. **Trajetórias e trabalho docente de professores iniciantes**: um estudo com egressos do Curso de Educação Física da UNESC. 2012. Disponível em: <http://200.18.15.28/bitstream/1/1102/1/Zilmar%20de%20Freitas%20de%20Quadros.pdf>. Acesso em: 06 de junho. 2024.

SANTOS, N. Z. dos; ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V. VIDA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O PESSOAL E O PROFISSIONAL NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA. **Movimento**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 141–165, 2009. DOI: 10.22456/1982-8918.3067. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3067>. Acesso em: 27 maio. 2024.

SANTOS DA CONCEIÇÃO, V. J.; FRASSON, J. S.; MEDEIROS, C. da R.; WITTIZORECKI, E. S.; KRUG, H. N. A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E O TRABALHO DOCENTE DE PROFESSORES INICIANTE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE CRICIÚMA-SC. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, 2015. DOI: 10.5216/rpp.v18i4.33882. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33882>. Acesso em: 27 maio. 2024.

SANTOS DA CONCEIÇÃO, V. J.; FRASSON, J. S.; VON BOROWSKI, E. B. A INFLUÊNCIA DA SOCIALIZAÇÃO SOBRE O PERCURSO DOCENTE DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO INÍCIO DA CARREIRA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 2, 2014. DOI: 10.5216/rpp.v17i2.25359. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/25359>. Acesso em: 27 maio. 2024.

SOUZA NETO, S. de; SARTI, F. M.; BENITES, L. C. ENTRE O OFÍCIO DE ALUNO E O HABITUS DE PROFESSOR: OS DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO PROCESSO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA. **Movimento**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 311–324,

2015. DOI: 10.22456/1982-8918.49700. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/49700>. Acesso em: 27 maio. 2024.

THÉ, Raul da Fonseca Silva. ENSINANDO ATRAVÉS DE VIDAS: CONSTRUÇÕES BIOGRÁFICA-NARRATIVAS PENSADAS COMO METODOLOGIA ATIVA E SIGNIFICATIVA. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e246118, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248246118por>. Acesso em: 27 de maio. 2024.

VIEIRA, A. O.; SANTOS, W. dos; FERREIRA NETO, A. TEMPOS DE ESCOLA: NARRATIVAS DA FORMAÇÃO DISCENTE AO OFÍCIO DOCENTE. **Movimento**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 119–139, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.28131. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/28131>. Acesso em: 27 maio. 2024.

APÊNDICES

A) Exemplos de diários de campo do Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental:

17/11: Aconteceu o nosso 1o encontro entre os alunos, monitora e professor e começamos a conversar sobre os planos de aula que tínhamos com cada turma, essas turmas já escolhidas por nós, além de nos apresentarmos em uma roda para cada colega. Nessa primeira aula, já deu para notar que essa cadeira seria bastante desafiadora, devido ao pouquíssimo material que encontraríamos, além de já estar no final do ano letivo, mas também seria gratificante ter essa vivência na primeira parte e já na segunda metade ter que trabalhar do zero, mesmo sendo a mesma turma. Ter a chance de escolher a turma foi importante para que pudéssemos criar atividades mais desafiadoras e também por ter uma experiência diferente de colégios já trabalhados.

22/11: Nessa segunda aula, fomos até a Escola Souza Lobo e tivemos a honra de conhecer cada espaço do lugar, além dos educadores que trabalham lá. Foi interessante que já fomos conhecer a turma, que estava fazendo prova, tendo pouca vivência com cada um deles, pois não sabemos como era cada um no seu dia a dia. Além disso, tivemos o primeiro contato com a direção, nos sentamos em roda para se apresentar e a diretora nos contou alguns momentos que passou nesse ano de 2022 no colégio. Como dito, esse primeiro encontro foi interessante com a turma e já estávamos nos preparando, eu e meu colega, para criar plano de aula e que a turma gostasse.

24/11: na terça-feira, dia 22/11, o professor pediu que na próxima aula, os docentes da Educação Física já comessem a ter uma vivência com a sua turma, mas que não fizessem atividades com plano de aula, mas algo que pudesse ser feito para ter uma aproximação melhor com a turma. A partir dessa ideia, resolvemos fazer três brincadeiras com os alunos, pois no encontro anterior só demos um "oi" para eles.

A primeira brincadeira foi passar aleatoriamente uma bolinha de tênis para o colega e dizer o seu nome completo e a sua comida preferida, a segunda brincadeira, manteve a bolinha e dizer seu nome, porém eles deveriam falar o seu artista ou atleta preferido e por fim, resolvemos fazer a brincadeira do Ovo Podre, ao finalizar chamamos toda turma para voltar à sala e nos despedimos, agradecendo a participação de todos. Em momentos distintos da aula, houve dois momentos que chamaram a atenção, A primeira foi que durante a brincadeira o professor Elisandro deu um feedback positivo para nós e a segunda foi que as duplas seguintes fizeram atividades muito boas e que a gente teve bastante vivência com eles.

29/11: Já nessa aula, eu e Pedro, resolvemos fazer duas atividades com a turma, a partir de trabalhos feitos durante o ano letivo. Iniciamos com um "pega-pega gelo", onde o aluno que fosse pego, fica parado e um outro colega deve ajudá-lo passando por debaixo das pernas, durando aproximadamente 10 a 15 minutos essa brincadeira e por fim, perguntamos para eles o que gostariam de praticar durante esses dias que ainda tinham até o final do ano letivo e a resposta que a maioria deu foi o vôlei e outros queriam continuar no pega-pega, deixamos então, eles aproveitarem até o final da aula. Depois que terminou o nosso horário, o professor Elisandro veio conversar com nós e explicou que a turma ficou dividida, já que os "melhores" ficaram jogando vôlei, enquanto os outros que estavam no pega-pega não quiseram participar, porque os que estavam jogando, iriam reclamar muito deles e com isso, o professor nos deu a ideia de fazer bolas de vôlei com jornal, sacola plástica, fita adesiva e balão, e assim, teríamos várias bolas de vôlei adaptadas para que todos conseguissem jogar.

01/12: Na quarta-feira à noite, resolvi fazer bolas adaptadas para as crianças e foi bem interessante, pois elas ficaram boas para a iniciação de qualquer esporte, podendo ser o futebol, o vôlei, basquete ou para o handebol. Já na aula de quinta-feira, fizemos três atividades: pega-pega, depois foi dividido em quartetos a turma, com o objetivo de todos participarem, já que a atividade era trocar passes com os colegas, a partir da iniciação do vôlei e seus fundamentos, com a bola adaptada que fizemos um dia antes e foi bem importante, pois os movimentos feitos com essa bola fizeram com que cada aluno tivesse uma noção de como se deve jogar, para que depois conseguissem jogar com uma bola de vôlei. E por fim, terminamos juntando os quartetos para jogar um vôlei adaptado, com uma corda simulando a rede e cadeiras para simular os postes da

rede, deixando eles praticarem até o final da aula. Além disso, a melhor parte foi um dos alunos chegar e falar para nós que a aula foi uma das melhores que ele já teve, isso mexeu muito comigo, pois é gratificante ter feedback dos alunos, em um tempo curtíssimo. Também tivemos uma conversa com o vice-diretor da manhã, Rafael, e nos contou um pouco sobre as turmas do colégio e a relação que tem a direção com os pais, deixando claro, a atitude que o colégio tem e a clareza com os familiares de cada aluno da escola.

06/12: como na aula anterior a turma gostou muito das atividades de vôlei, estávamos preparados para continuar com esse esporte, porém quando entramos na sala da Educação Física, notamos que só tinha uma bola de vôlei e que não daria para continuar, resolvemos fazer atividades de invasão, e com isso, mudamos no meio da aula o nosso plano de aula praticando duas atividades: a primeira foi um pega-pega tubarão e finalizamos com um pique bandeira adaptado com bastante aceitação da turma. Depois fomos conversar com a coordenadora Magali, Contando um pouco sobre a participação e o comportamento de cada aluno e foi interessante essa conversa, Pois deu para ter uma noção de como era a cada aluno no início do ano e de como eles estão agora, além de explicar a situação de como estava a nota, pois nesse dia estava tendo o conselho de classe e de quantos iriam ficar no 5o ano do Fundamental.

08/12: Nessa aula, a ideia era continuar com esportes de invasão e também jogar um pouco de vôlei, porém quando estávamos colocando os materiais no pátio, o professor Elisandro começou a brincar com os alunos, com os pneus que seriam preparados para as atividades e notamos que a maioria da turma se empolgou, pois eles brincaram bastante com os pneus nos primeiros minutos e resolvemos continuar com atividades que tivesse os pneus, então começamos a empilhar pneus e colocar as crianças, para brincar lá dentro, um adendo, os professores também estavam entrando nos pneus, depois resolvemos fazer uma competição de quem lançava mais longe e finalizamos com uma corrida com os pneus e todos adoraram a atividade. No final da aula, o professor veio falar com nós pedindo desculpa, mas vimos que não haveria problema mudar, porque a turma estava empenhada e era algo para continuar.

13/12: Infelizmente, na quinta-feira eu fiz uma luxação no meu cotovelo e não iria conseguir participar mais das aulas, porém no outro dia, mandei uma mensagem para

o professor perguntando se eu poderia continuar indo para ter a vivência e para finalizar esse ano com a turma e a resposta do professor foi que eu poderia, então hoje, fui com o meu colega participar das aulas, mesmo ficando de longe e ele fez duas atividades com a turma: a primeira foi um pega-pega com ferrolho e a segunda foi uma atividade de invasão, chamado "Mesa de Controle" que o objetivo era levar objetos de um lado para o outro sem ser pego por três pegadores que estavam protegendo o local e no final da aula, deixamos eles fazerem outras atividades uns ficaram jogando futebol e outros vôlei.

20/12: hoje diferente dos outros dias, a aula foi na Esefid com a presença de alguns alunos e com lanches que o professor pediu que a turma levasse e nessa aula resolvemos conversar um pouco sobre como estava o nosso processo de ensino, aprendizagens e entender um pouco o que cada um pensava sobre a escola, e foi muito interessante, pois cada aluno falou um pouco sobre o andamento que passou nesse mês final de ano letivo da escola, já que pegamos a turma querendo as férias e cansado desse ano que foi corrido, mas no geral a turma que eu e o meu colega ficamos foi bem produtivo e conseguimos tirar um pouco da felicidade deles em cada aula que passamos juntos, além de conversar com o diretor, com a coordenadora sobre a turma e como é o convívio entre a escola e os pais, pois é muito difícil ter um diálogo com boa parte dos pais em uma escola pública e ver que tanto os pais quanto os professores têm um diálogo muito bom e isso mostra, o quão importante é a comunicação e o engajamento que a escola tem com seus alunos, além disso, o professor Elisandro nos falou um pouco sobre como seria as aulas depois das férias de verão, pois teríamos mais liberdade, além de criar planos de ensino desde o início do ano letivo. Eu gosto muito dessas rodas de conversa, pois abre espaço para todos os alunos conversarem e ver que tem ideias ou divergências e que a melhor solução é a conversa.

19/01: Na primeira aula do ano fomos à faculdade conversar um pouco sobre o vídeo que vimos, na verdade um documentário, chamado Escolarizando o Mundo. Foi importante ver esse documentário, pois o ensino que temos atualmente só foca no capitalismo e sem ter aquele lado da cultura de seu país.

31/01: Neste dia, fomos à escola Souza Lobo conversar com a diretora, trocando várias ideias sobre como o colégio funciona e como os pais entendem o ensino da

escola. Porém no meio da conversa, entramos num tema muito forte sobre identidade de gênero e também sobre roupas, onde alunos e alunas do colégio entraram numa discussão com a diretora, pois alguns não se identificavam nem como homem e mulher e também sobre vestimenta que as meninas usavam, e a diretora achava isso um absurdo, mas na cultura atual, entendemos que cada um pode usar o que quer e não se pode privar e foi por isso que as gurias não gostaram e discutiram com a diretora da escola.

23/02: neste dia iniciou as aulas no Colégio Souza Lobo e teve um encontro entre os professores e os alunos que no ano passado estavam no quinto ano. Resolvemos então fazer um círculo na sala de aula e conversar um pouco sobre como foi as férias, saber o nome dos alunos novos e os antigos também, porque tínhamos esquecido os nomes e no final fomos para o pátio brincar de futebol e vôlei, deixando livre esse primeiro dia de reencontro.

28/02: na aula de terça-feira iniciamos atividades de matriz africana, a primeira atividade foi a corrida do saci com variações, onde os alunos tinham que ir de um lado para o outro com uma perna só, ou pulando com as duas pernas, ou pulando /com as pernas intercaladas, depois na atividade principal fizemos um pega-pega marimbondo e caçador e para finalizar com a atividade de descanso uma brincadeira onde um dos alunos estava com uma tampinha e o outro tinha que adivinhar onde estava a tampinha nas mãos do outro colega.

02/03: mantendo as atividades de matriz africana, na aula de quinta-feira fizemos duas atividades que as crianças gostaram muito, a primeira foi Mamba, uma variação do pega-pega, onde um aluno estará dentro de um retângulo desenhado no chão e os outros estarão em volta do retângulo e o objetivo é pegar aluno por aluno e juntos de mãos dadas continuar pegando os outros colegas. E a segunda atividade foi Mbube Mbube, uma variação de cabra-cega, que o significado é um leão e uma presa e o objetivo dessa atividade seria dois alunos vendados nos extremos, sendo um o leão e o outro a presa, e os outros alunos sentados em círculo começam a falar Mbube Mbube cada vez que os dois alunos vendados estiverem se aproximando.

07/03: continuando as atividades de matriz africanas e indígenas, os alunos pediram para continuar com a brincadeira Mbube Mbube, já que na última, alguns alunos não

conseguiram participar, foi interessante ver que alguns participaram muito bem, enquanto outros tentavam atrapalhar.

09/03: nesta aula, iniciamos com a turma na sala de artes, para confeccionar os próprios arco e flecha, e todos adoraram, porque depois a gente iria brincar com atividades de tiro e alvo. Todos os alunos conseguiram confeccionar e na hora da atividade, foram divididos em grupos, para participar do circuito, que foi dividido em: acertar dentro do pneu as flechas, depois acertar na garrafa pet e por fim, jogar o mais longe possível. infelizmente alguns arcos não eram tão potentes, e com isso, as flechas não iam longe suficiente, mas deu para ver todos os alunos participando, e no final, os alunos queriam levar para casa os arco e flechas, mas não foi possível, já que na outra aula seria utilizado.

14/03: dando continuidade com jogos de precisão, levamos novamente os arcos e flechas para os alunos, com o intuito de no final da aula entregar para eles, mas antes, praticamos mais um pouco com atividades com os arcos, depois disso, criamos outra atividade de precisão, só que dessa vez, foi com atilhos, transformando em estilingues de dedo, sendo necessário apenas os atilhos e jornais. Mantendo os mesmos grupos da aula passada, o objetivo era jogar os papéis de jornais o mais longe possível e depois tiveram que mirar em garrafas pets, que estavam enfileiradas, não precisavam derrubar, apenas tocar, para validar o ponto. Nessas aulas de precisão, notei que a turma participou muito mais que nas aulas de matriz africanas e indígenas, devido que nessas aulas, eles confeccionaram o seu material.

21/03: Depois de duas semanas com jogos de Precisão, mudamos a temática para jogos de marca - Atletismo, dividido em corridas de velocidade, de revezamento, com barreiras, em altura e arremesso. E nesta 1ª aula, iniciamos com pega-pega espelho, já que a turma adora qualquer tipo de pega-pega, e quando o aluno era pego, ficava parado imitando algo e para salvar o outro colega precisava fazer o mesmo movimento, depois disso, em duplas, encostados de costas um para o outro, quem chegasse primeiro na linha demarcada e voltasse para o lugar que estava sentado, iria ganhar, ficamos um tempo brincando, porque todos queriam ganhar e finalizamos com dois times, em estafeta, porém esses grupos foram divididos em 2 filas uma de frente para a outra e aquele grupo que chegasse no outro lado, ganharia, mas alguns alunos

não conseguiram entender, porque além de estarem conversando durante a explicação, estávamos no ginásio, sendo difícil falar alto, já que ecoava.

23/03: neste dia, a temática foi corrida de revezamento, para ter uma interação com os outros colegas que não tinha tanta amizade. Começamos com o “chão é lava”, onde cada grupo tinha que ir de um ponto para o outro, através dos tatames que demos para eles e ao longo da atividade tirávamos um, para deixar mais difícil e para o grupo pensar em como chegar até o outro lado, sem pisar no chão. Depois disso, em quatro grupos, teve revezamento de colher com bolinhas de ping-pong, equilibrando até o outro colega e entregar, sem derrubar, caso derrubasse, teria que pegar a bolinha e continuar de onde parou. Notou-se que as gurias tinham uma motricidade fina melhor que os meninos, além disso, elas conseguiam fazer com uma tranquilidade, diferentemente dos meninos, que queriam fazer rápido e por isso deixavam cair a bolinha.

28/03: na aula de hoje, a turma iria praticar corrida com barreiras, iniciando com um pega-pega pedra, quando era pego, o aluno deveria se agachar e para salvar, o colega passava por cima, o objetivo dessa brincadeira era para eles já se acostumarem de como seria a aula, depois fizemos um circuito dividido em 4 etapas: um grupo ficava na corrida por bambolês, após o apito do professor, trocava e eles iam para a corrida por chinesinhos, aumentando a elevação das pernas, depois passavam por um zigue-zague por pneus, elevando ainda mais as pernas, até chegar na última etapa, que era nas barreiras mesmo e foi bem desafiador para alguns alunos, mas que não desistiram e conseguiram fazer super bem. Nesta aula, notamos que todas as atividades foram feitas bem e a turma em si, soube entender e prestar atenção, além disso, fluiu muito mais esse tipo de circuito com atividades longe uma da outra.

30/03: Na aula de hoje, introduzir o salto em altura com os alunos, tendo como 1ª atividade a brincadeira “relóginho”, com a turma em círculo, o professor ficaria no centro da roda girando uma corda e os alunos deveriam pular, mas não conseguimos porque a corda era muito grande, com isso, iniciamos com (pular corda, depois céu e terra e a cobrinha), na atividade principal fomos para a sala com os tatames, e lá, cada aluno deveria saltar pela corda, podendo ser de qualquer maneira, foi muito produtivo, já que alguns alunos conseguiam passar sem muita dificuldade, além disso, um aluno

em especial, fez os saltos direito, isto é, saiu da parte lateral e ao saltar, fez o movimento de tesoura e para finalizar, resolvemos fazer cabo de guerra, já que os alunos estavam querendo.